

# AUTORES & LIVROS

Ano II  
6/2/1944

SUPLEMENTO LITERARIO DE "A MANHÃ"  
publicado semanalmente, sob a direção de Mucio  
Leão (Da Academia Brasileira de Letras)

Vol. II  
Nº. 5

## Notícia sobre Capistrano de Abreu

José Capistrano de Abreu nasceu em Maranguape, no Ceará, e era filho do major Jerônimo Henrique de Abreu e de sua esposa D. Antonia de Abreu. O major viveu até 1913, e D. Antonia até 1922. Capistrano via a luz do dia no dia 23 de outubro de 1851.

Faz as primeiras letras e os estudos secundários no Colégio dos Meninos, que era dirigido pelo sacerdote Nogueira Bravesa, no Ateliê Central e no Seminário de São José. No segundo deles es-

encontra um grande ambiente intelectual, pois o período em que ali esteve foi aquele em que houve mais se acenhou o predominio de Tobias; foi o período em que Silvio fez o seu notável concurso da Faculdade de Direito, período da "Morte de Metastasio". Capistrano encontra naquela pernambucana ótimas estimativas para o trabalho intelectual, e principalmente para o trabalho jornalístico.

Em 25 de abril de 1873 chega ao Rio de Janeiro. Foi decreto de 9 de agosto de 1879 e nomeado pároco extra de clérigo da Biblioteca Nacional.

Ja do Norte trazia um maduro e longo treino de imprensa — da época em que trabalhou no "Maranguapense" na "Constituição" e na "Fraternidade", do Ceará, e nas folhas recíncipes. Chegando ao Rio, continuou a exercer a atividade jornalística. Emprestou sua cooperação, já como redator, já como simples colaborador, a numerosas folhas, como o "Globo", a "Gazeta de Notícias", a "Semana", a "Revista Brasileira", o "Jornal do Comércio" e o "Cosmopolitan".

Na Biblioteca Nacional ficou apenas cinco anos. Deixou aquela carreira em 1884, quando, depois de brilhantíssimo concurso, foi nomeado professor de Geografia e História do Brasil do Colégio Pedro II, cargo em que em 1908, foi posto em disponibilidade.

Pouco antes — em 1881 — havia casado com D. Maria José de Castro Fonseca, filha do almi-

rante Inácio Joaquim Fonseca e de D. Adélia J. de Castro Fonseca. Sua sogra era uma figura feminina de raro valor e raro encanto, a Poetisa das "Ecos de Alma", a "Safá cristã", como lhe chamou Gonçalves Dias. Foi famosa, no seu tempo, pelo seu talento de repentista. Em uma das páginas deste suplemento, demos redigido por pessoas muito autorizadas, um interessante perfil de D. Adélia Fonseca.

Capistrano teve os seguintes filhos: D. Honorina de Abreu, que se fez freira, e é hoje a Soror Maria José de Jesus, priora do Convento de Santa Teresa, nessa cidade; Adriano de Abreu, jornalista e romancista, funcionário do Ministério da Viação; Fernando, que faleceu na epidemia da gripe; Henrique e D. Matilde Abreu Nogueira, esposa do dr. Apóstolo Nogueira, médico em Minas Gerais.

Dos filhos de Capistrano de Abreu um — D. Honorina — herdou o estro poético, que tanto fulgurou em sua avó, D. Adélia Fonseca. Percebemos nela uma poetisa de doce e profunda sensibilidade, embora pouco tenha dado de sua inspiração aos leitores.

O grande historiador faleceu nesta cidade, vitimado por ataque de pneumonia gripal. Teve penosa agonia, que se estendeu nos dias 12 e 13 de agosto de 1927. Expirou na madrugada desse último dia. Foi velado no seminário de S. João Batista, sendo o seu enterro conduzido a pé pelos seus numerosos amigos.



CAPISTRANO DE ABREU

## SUMÁRIO

- |   |  |
|---|--|
| <p>Página 69:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>— Adélia Fonseca, de A. A.</li> <li>— Notícia sobre Capistrano de Abreu.</li> <li>— Bibliografia de Capistrano de Abreu.</li> </ul>  | <p>Páginas 74, 75 e 76:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>— Capistrano de Abreu, de Humberto de Campos</li> <li>— Capistrano de Abreu, de João Pandia Calogeras.</li> <li>— Um autógrafo de Capistrano de Abreu.</li> </ul> |
| <p>Página 70:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>— Estudos sobre Capistrano de Abreu, de João Ribeiro.</li> </ul>   | <p>Página 78 e 79:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>— I — O Descobrimento do Brasil.</li> <li>II — Ensaios e Estudos.</li> <li>III — Cartas de Capistrano.</li> <li>IV — A morte de Capistrano.</li> </ul>                 |
| <p>Página 71:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>— Capistrano de Abreu, humorista, de Afrânio Peixoto.</li> <li>— Capistrano, de Alfonso Arinos de Melo Franco.</li> <li>— Correspondência de escritores. Carta de Joaquim Serra a Machado de Assis.</li> </ul> | <p>Página 80, 81 e 82:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>— Uma aula de desenho dada por Guignard.</li> <li>— A meu pai, de Honorina de Abreu.</li> <li>— Palavras que enganam o tradutor de Inglês.</li> </ul>              |
| <p>Página 72:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>— O Descobrimento do Brasil, de Capistrano de Abreu.</li> <li>— História Pátria, de Capistrano de Abreu.</li> </ul>  | <p>Página 83:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>— Página dos Autores Novos VII — Ligia Fagundes.</li> <li>— Ligia Fagundes (nota biográfica).</li> <li>— Delírio, conto de Ligia Fagundes.</li> </ul>                       |
| <p>Página 73:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>— Lucio Cardoso e "Os Comediante", de Olavo de Faria.</li> <li>— Raul Pompéia, de Capistrano de Abreu.</li> </ul>  | <p>Página 84:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>— Lucio Cardoso e "Os Comediante", de Olavo de Faria.</li> </ul>  |

## BIBLIOGRAFIA DE CAPISTRANO DE ABREU

A bibliografia de Capistrano de Abreu é imensissima, e quem quiser ter dela um compêndio começaremos recorrer ao trabalho de Tancredo de Barros Paiva — "Bibliografia Capistraniana", S. Paulo, 1931 — Tip. do "Diário Oficial". E' uma "separata" do anexo quarto da "Anais do Museu Paulista".

Entenderemos, porém, os principais trabalhos do meu avô, seguidos de referência seu alcunho bibliográfico, o Barão de Studart.

Período juvenil. I — *Casemiro de Abreu: II — Junqueiro Ferreira. No "Maranhense", de Junho, Julho e Agosto de 1871.*

— Raimundo Jose da Rocha Lima. E' uma introdução a Crítica e Literatura. Maranhão, 1878.

— O Brasil no século XVI. Rio, 1880.

— Fernan Cardim. — Rio, 1881.

— Descobrimento do Brasil e seu desenvolvimento no século XVI. Tese de Concurso. Rio, 1883.

— J. E. Wappens. A geografia física do Brasil (edição condensada). Tradução — Rio, 1884.

— Materiais e achegas para a história e geografia do Brasil. — Rio, 1886.

— Frei Vicente do Salvador. Lições I e II de História do Brasil. — Rio, 1887.

- Do Rio de Janeiro a Cuiabá, viagem do naturalista Herbert Smith. Tradução. — Rio, 1887.
- A. W. Sellin. Geografia Geral do Brasil. Tradução. — Rio, 1889.
- Notas sobre a Parába. — Publicado no Eixo de Irineu Joffily. — Rio, 1892.
- Sophie Ruyz. Cristóvão Cabral e Vasco da Gama. Tradução.
- Dr. Paulo Ehrenreich. — Divisões e distribuição das tribos do Brasil. Tradução. — Rio, 1892.
- Monografias Brasileiras. Os Mamonas do Brasil, de E. Góldi. Rio, 1893. — As aves do Brasil, de E. Góldi. — Rio, 1894.
- Os Bacaxis. Rio, 1895.
- Sobre uma história do Ceará. 1899.
- História topográfica e histórica da Nova Colônia do Sacramento do Rio da Prata. Rio, 1900.
- Sobre a Colônia do Sacramento. Rio, 1900.
- O descobrimento do Brasil pelos portugueses. — Jornal do Comércio. Rio, 1900. — Idem, 1900.
- O descobrimento do Brasil. Memória publicada no Livro do Centenário. Rio, 1900.
- Diálogo das Grandezas do Brasil. — 1900.
- Os primeiros desenhamentos de Minas. 1901.
- Tricentenário do Ceará. Rio e Fortaleza. 1904.
- História Pátria. Artigos no "Cosmos". — Rio, 1905.
- Capítulos da História Colonial. — Rio, 1907. — 2.ª edição em 1908.
- Rú-tsun-u-kui — Gramática, texto e vocabulário Caxinhan. Rio, 1914.
- Francisco Ramos Pax. — Rio, 1928.
- Caminhos antigos e povoados do Brasil — Rio, 1930.
- Ensaios e estudos (critica e História) — Rio, 1932.
- Primeira visitação do Santo Ofício às Partes do Brasil pelo licenciado Heitor Furtado de Mendonça (Confissões da Baía, 1591-1592). — Rio, 1932.
- Ensaios e Estudos (Critica e História) 3.ª série. Rio, 1938.

Logo depois da morte do escritor, fundou-se neste cidade a Sociedade Capistrano de Abreu, cuja benemerita finalidade consiste em publicar as obras do seu patrono. E' a Sociedade Capistrano de Abreu que já devemos o aparecimento, seja em primeira edição, seja em reedições, dos valiosíssimos livros do grande historiador e grande crítico brasileiro.

# Estudos sobre Capistrano de Abreu - JOÃO RIBEIRO

## O DESCOBRIMENTO DO BRASIL (1)

Capistrano de Abreu foi e é considerado o maior historiador brasileiro. Na realidade não escreveu ele uma história do Brasil como todos esperavam por um erro falso de compreender.

Capistrano de Abreu não tinha o espírito de coordenação essencial a um plano geral da nossa história. Escreveu fragmentos, prefácios, excursões e dissertações incompletas. Sabia começar e começava muitas vezes, mas não sabia acabar e de fato não deixou nunca o que havia magistralmente começado. Era uma das fraquezas desse homem forte.

Como certos artistas (e havia algumas coisas de artística no seu temperamento literário) faziam manhas e maquinetas e davam por findo o trabalho quando lograva alcançar a primeira impressão. Um impressionista, deveras, em muita coisa ele o foi, como foi um pouquinho também na sua inconstância e modo de viver.

Um dia perguntaram a Ferreira de Araujo onde podiam encontrar o Capistrano.

— Não sei precisamente, respondeu Ferreira de Araujo. Mas sei onde o senhor lhe passou que fazia a pergunta: não pode encontrá-lo. Não o encontraria aqui na Gávea onde ele escreve; não o encontraria na casa, rua tal, onde ele mora; e nem o encontraria no Colégio Pedro II onde ele ensina.

A resposta de Ferreira de Araujo era apenas uma boutade do humorismo. A verdade, porém, é que Capistrano morava mais nas bibliotecas que em outra parte qualquer.

Milope, extremamente miope, mergulhava a cabeça nos in-folhos e manuscritos e daí não era possível tirá-lo, senão quando o guarda ou vigia vinha adverti-lo de que iam fechar o estabelecimento e em alguns desses tinha a permissão de ir além das horas regulamentares.

Mais tarde conseguira modificar esses hábitos. A mania de ler metava-lhe a faculdade de produzir, e quando produzia por acaso, as interrupções eram frequentes e longas. Daí o seu eterno princípio: um grande número de coisas que não chegam à última de mão.

Seriam julgá-lo mal, dando-o por incapaz de trabalho de longo fôlego.

Era versátil, volível em tudo quanto empreendia.

Era sob esse aspecto, um homem tímido e ao mesmo tempo um epicurista. Pouco lhe importava escrever ou ensinar, o que queria era o prazer de aprender, e estudar e como estudar: era de fato o mestre a cutucar luces todos recorriam com seguro prazer, não somente na história mas ainda em variados assuntos diretos ou indiretamente relacionados ao Brasil.

Gostou toda a vida no seu Lehmann e nunca mencionou o Wanderyare que seria consolação da posteridade. Toda a sua atividade estava em revolver documentos, reunilos como os fez nos *Manuais e Achegas*; traduziu várias obras, momentaneamente almejadas, mas enriquecendo-as de notas e mesmo refazendo-as com a de *Wappoos* que quase nada tem do original e a de *Conselho Bellini*.

De tudo resultou que escreveu apenas capítulos magníficos, dissertações de inesimável preço, artigos de revista que a Sociedade Capistrano de Abreu vai reunindo em preciosos monólogos que bem representam aquele grande espírito.

Na vida, Capistrano dava a impressão de um indivíduo desconfiado de si próprio, de um filósofo rúmo e costume dizer, o que lhe valia dissabores inevitáveis. Contudo, graueou a amizade e afetção de homens eminentes na política que ele juzgava com mais piada que justiça, mostrando-se por vezes ferino, malvado e até ingrato.

Essas falhas desapareceram ou eram esquecidas diante do seu mérito.

Essas falhas desapareceram ou eram esquecidas diante do seu mérito.

Para a história do Brasil deixou contribuições fragmentárias principalmente dos primeiros séculos, executadas, todavia, a perca que lhe não inspirava simpatia por motivos tortuoso ou difíceis de explicar.

Não gostava da Guerra holandesa como não gostava de Trindade nem de outros fatos e vultos que não sabia julgar com inteireza. O século XIX era para o nosso historiador um livro fechado a sete chaves. Em rigor, só o primeiro século da nossa história inflamava o seu interesse de pesquisador.

Era, pois, um arqueólogo da nossa história: indios, capitães, jesuítas, primeiros governadores, primeiro povoamento e primeiras migrações constituiam o melhor das suas preocupações. E embora conhecesse profundamente muito da nossa história colonial e certo que pouco ele conhecia da Independência em diante. Não lhe interessava o primeiro nem o segundo reinado, nem a guerra do Paraguai e muito, muitíssimo menos a República.

Por isso, escrevemos acima que ele não poderia escrever a história geral que se esperava de seu autor. E ainda, por isso, resolveu anotar a História de Varnhagen que deixou nos dois primeiros fascículos e é provável, não lhe muito adianta.

Nada, todavia, ilumina a absoluta admiração por Capistrano de Abreu. Só com reserva quanto ao juizo que fazia dos seus contemporâneos.

Ao registrar esse primeiro volume — O desenvolvimento do Brasil — exaltamos sinceramente os grandes serviços que está prestando à Sociedade

que reúne o nome do grande sábio brasileiro no plano em que figuram Rio Branco, Cachão, Cândido Mendes e outros eruditos da nossa história.

Essa parte agora publicada do Desembravamento merecia uma revisão do próprio Capistrano, se vivo fosse, quanto ao progresso e à bibliografia nova e recente do período inicial.

Bastaria para excitar a discussão o que tem escrito Duarte Leite a respeito dos primeiros navegadores que tocavam o litoral sul-americano.

Estudos mais recentes reclamariam a revisão da parte referente ao povoamento do sertão. Os admiráveis prelúdios à obra do Frei V. do Salvador representam já com revisão.

Muito sugestivas são as sínteses históricas editadas pela revista Kosmos, de 1905 que em parte modificam e completam as contribuições anteriores do mesmo livro.

E insta encarar a importância de tudo quanto escreveu o mais afamado mestre da nossa história e este primeiro volume justifica o esforço e a diligência que põe a Sociedade em vulgarizar semelhantes trabalhos hoje raras e mesmo inacessíveis.

Não há uma só página que não ofereça uteis ensinamentos ainda hoje para os mais versados no assunto.

Capistrano de Abreu sempre descontente e desconfiado dos seus próprios méritos recusaria a ideia de reimprimir esses estudos, pois, estava sempre a pensar em documentos novos que necessitava ler para assentir as conclusões definitivas em qualquer ponto da nossa história; por tal a sua tese de concurso rarissima só agora foi reimpressa.

Esses capítulos, sem dúvida expressivos, deixavam em hesitação perene aquele espírito sequioso de saber. Por isso, não escreveu mais que fragmentos e capítulos quando ninguém mais e melhor do que ele podia lançar os fundamentos da história brasileira, integral e harmônica, que não possuimos ainda.

A vida de Capistrano presta-se a um verdadeiro romance como esses que estão em moda na biografia. O largo anedótario que lhe não falta bastaria para inuir o interesse do leitor comum.

(*"Jornal do Brasil"* — 1-1-930).

## OS "ENSAIOS E ESTUDOS"

Capistrano de Abreu foi o mais modesto e o maior dos nossos historiadores. Não quis nunca escrever uma história do Brasil, o que ele mais do que ninguém, poderia fazer. Preferiu escolher os seus temas, escolher os assuntos e esclarecer-lhos com a vastíssima erudição que possuía de todos os segredos da nossa história. Entretanto, não lhe faltava o espírito de síntese que várias vezes revelou em diferentes ocasiões e que só lhe podia ser negado por pessoas mal informadas do enorme cabedal de ideias e de fatos que alimentavam o seu poder de escritor. Esses mesmos *Ensaços e Estudos* quase todos inspirados em ocasiões diversas e derramados na imprensa da dia bem mostram a sua capacidade inacreditável de interprete autorizado.

Se ele quisesse dar-nos-lá a melhor história do Brasil depois da Varnhagen, Não o quis, porém. Prefaciou e editou livros antigos, traduziu outros, preparou enfim o material que necessitava a nova construção histórica, natural e geográfica; e no mesmo tempo que delineava a nova arquitetura, contribuiu com os admiráveis *Ensaços* que vemos nesse volume de agora.

Logo depois de sua morte constituiu-se a Sociedade Capistrano de Abreu que reuniu poucos a pouco todas as produções que corriam o perigo de extinguirem-se: o grande mestre da nova geração, Capistrano cultivava não só a história e a geografia, mas tudo o que se relacionava ao território, a biologia e a etnologia e a línguistica americana delançando em cada ramo dessa variada cultura monografias definitivas e memoráveis.

O jornalismo que tanto clareza as inteligências não prejudicou na tendências e predileções do seu espírito. Não escreveu jamais uma página inutil ou supérflua.

Esse *Ensaio e Estudos* bem e demonstram e bastaria para o leitor informar o conteúdo desse novo livro que foi apresentado à Academia pelo Conde de Ataíde Celso como um dos mais interessantes da coleção que está agora no seu quinto volume.

Dentre os temas que compõem o livro distinguimos o que escreveu acerca de Caxias, Antônio José, o Judeu, o de 28 de Janeiro no centenário da abertura dos portos do Brasil (com admirável estudo da revolução francesa e a repercussão dela na Espanha e Portugal) o que se intitula Sob o primeiro Império que nos dá a história pouco conhecida dos amotinados estrangeiros, a notícia curiosa sobre Ramos Paz o imigrado português, tão amigo nosso, outra notícia sobre o Visitador do Santo Ofício, edição de infilhos de Paulo Prado, o prefácio ao Diário de Pedro Lopes etc. Enfim esses trabalhos avulsos encerram os prediletos de verdadeiras contribuições científicas como só Capistrano de Abreu sabia fazê-las.

Esse grande benefício às letras nacionais é o que non tem oferecido a Sociedade Capistrano de Abreu, acusa dedicação, esforço e diligência deve todo o Brasil a publicação de tão meritórias produções que raríssimamente ignoradas da nova geração.

(*"Jornal do Brasil"* — 1-11-932).

## III

### CARTAS DE CAPISTRANO

O sr. Manuel de Souza Pinto, brasileiro, um pouco velho ao Brasil, pois que tem vivido desde a infância em Portugal, é um escritor de nota e atualmente ocupa a cadeira de *Estudos brasileiros* — Faculdade de Letras de Lisboa.

Como todos os que vivem em Portugal, conhece muito mal o Brasil, tão mal quanto o determina a absoluta ausência de livros brasileiros nas livrarias portuguesas.

E assim que ele tem feito o da diligência e esforço no sentido de adquirir os nossos livros, e creio que uma vez o comunicou à Academia de Letras que lhe dá um pequeno subsídio a ajudar aos seus ensaios honorários de professor da cadeira criada e mantida pelo governo português.

Percebe que os vencimentos do cargo e o subsídio acadêmico não bastam para a aquisição do material bibliográfico indispensável ao teor das suas lições, e não sei dizer se a Academia acertou a sua criação, e de fornecer livros ao ilustre professor.

Não é menos certo, porém, que ele vem desempenhando as funções que lhe comprem, com dedicção e inteligência.

Agora mesmo leio no "Estado de São Paulo" a primeira das suas comunicações a respeito da coleção de Cartas inéditas e íntimas dirigidas por Capistrano de Abreu a João Luís de Azevedo.

São interessantes e, como afirma de esperar, um pouco malévolas no comentário de coisas e pessoas do Brasil.

João Luís de Azevedo, o erudito historiador de Antônio Vieira e editor da grande edição das cartas do notável jesuíta, prometeu entregar à Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro as cartas de Capistrano.

Não sei se haveria indiscrição nesse domínio, onde não seria surpresa depor-se alguma conexão desagradável nos contemporâneos.

Era do feticio de Capistrano não propriamente a maleficência, mas certa desenvoltura e mordacidade no julgamento dos homens. Ninguém lhe escapava.

Frequentemente costumava julgá-los por um só ato, por um dito ou por um erro. Nada disso define ou pode ser a medida certa das pessoas.

Quem, por exemplo, escrevesse Brasil com a caixa no seu index, com a anatema de cavalaria; zebra pela inicial.

Com esse método sumário fusilava os inerentes numerosos em nosso gentílico político, intelectual e ortográfico.

Claro está que falo de uma exceção, embora característica e inusual porque ele compara Vieira e Rui, dado enorme desonto a um certo Gispar Dias Ferreira, insignificante comensal do príncipe de Nassau.

E glorificava uns passarem em que se indignam com o tratamento de doutor, que ele não era nem queria ser. E escreve:

"No Ceará fui chamado e muitas vezes chamado: Senhor. Bom mostram os meus parentes que tem mais inteligência do que água".

De uma feita, pediu para um amigo do Norte a fotografia de uma ave, que para ele, Capistrano, era o verdadeiro símbolo do Brasil: o jabiru.

O jabiru passa dias inteiros com uma perna desenhada na outra e sempre triste...

A nossa favorece, diz ele, ou agricultura, não serve para a alimentação. Apesar cuida da sobremesa: café, acarajé, frutas.

E bem verdade.

"Jornal do Brasil" — 18-12-927.

## V

### A MORTE DE CAPISTRANO

Quando estava disposto a escrever esta pequena tarefa quisse quinta-feira do Dia Sim... encarregava-me a notícia da morte de Capistrano de Abreu.

Desde que o conheci, há quarenta anos, aprendi a venerá-lo com a mais entranhada admiração. E nele não admirava apenas o sabio mestre, mas o próprio homem despidido de todas as vaidades e de todas as preocupações de interesse material.

Capistrano de Abreu tinha exquisitas e singularidades que estavam talvez em harmonia com a originalidade reacionária do seu espírito.

Sendo um incrível e agnóstico, desejava vestir uma batina para evitar as complicações do velório.

Por igual sentimento detestava as outras complexidades mundanas. E, um dia, ao dizerem-lhe que devia ser a Academia, responder que não pertencia à academia nenhuma a não ser a sociedade humana da qual contra a vontade já fazia parte. E estava certo.

Contudo, não era um misantropo, nem um pessimista que não podia ser.

As vezes parecia um estrangeiro, não no sentido de natural de outras terras, mas de outro planeta.

Desconcertava, mas nunca aborrecia.

E que o seu espírito patrava acima do tempo e para além de todas as convenções.

Institui, indiferente e ultra-humano, fazia a crítica de todas as coisas com um dito, uma frase.

(Continua na pag. 77)

Dr. Cândido  
Ano 2

# CAPISTRANO DE ABREU, HUMORISTA

APRANIO PEIXOTO

Se homem de letras, e não de ciência, teria sido um ogre humaurista, à Swift. Quando em 1806 se fundou a Academia Brasileira, convocada por Machado de Assis, Lucio de Mendonça, Joaquim Nabuco, deu de ombros, resmungando:

"Ia me basta, e não por meu gosto, fazer parte de outra aborrecida sociedade, o gênero humano..."

Em que macabro humorismo entraria ela, se pudesse saber que lhe sobreentría uma "Sociedade Capistrano de Abreu", cuja dedicação a sua memória já lhe vale, a elas, a irreverência popular: "as rídas de Capistrano".... Aliás é humorístico observar que, se em vida os Brasileiros são clementes das glorificações, depois da morte ungiam-se copiosamente. O "pintrismo" político, ou literário não faltava... Penitência.

Este "humour" de Capistrano surge-se na crítica literária. Sobre história, de Frei Vicente do Salvador ouviu-lhe isto: "estudador de chinetos", por oposição aos de colunais, os entusiastas, Vornhagen, Southey, os outros... A nota, às vezes enigmática, apontava aqui e ali, ainda na disposição mais louvável, quando, por exemplo o livro de Alberto Rangel, em 1917, sobre "Dom Pedro I e a Marquesa de Santos", em quatro colunas de jornal, lá nem por último o traço amargo: "infelizmente não ficou de todo imune de certa gramática industrial... No seu vocabulário há corquinhas que estão pedindo ponto ou tesoura".

Em 1880 escreveu a única original comemoração do Brasil ao centenário da morte de Camões, ainda comparado à obra de Miguel de Lemos e aos discursos de Nabuco; em 1924, pela comemoração do centenário do nascimento do Poeta encarnava-se o zelo perdido com a criação de cadeira de Estudos Camonianos, na Universidade de Lisboa, ao que lhe replicou:

"Não se perde tempo com Camões. Até Você o provou. Ja em Portugal há um heraldo d' "Rão Camões". Agora mesmo ia eu faze-lhe 'el-rei Camões'".

"... fui-me de raps, q... o olho é ret..."

Pois, a sua juventude, essa riqueza do humorismo será compreendida de Rabelo da Silva, nos funerais de Garrett, as impertinências de Castilho, no cemitério: — Deem-lhe os vintens a este ego, para calar-se. Por ter contado a história ficou Teófilo Braga amaldiçoado por Camilo, Cambes e Portugal perdoado a Condestrada.

Uma correspondência com J. Lucio d'Azevedo, o historiador português, com quem se abria sobre o Brasil e os Brasileiros, sob o sinal no Biblioteca Nacional; após uma revolução os dominadores pensaram em deixá-la publicar-se, contra os interesses do antigo regime. Deles dizia outro tanto, pedra em cima, o "Memor" e imparcial.

O humorista vinga a sociedade que os sofreu e os sofre, a todos humanos. O humor de Capistrano é ultrílico. Agora mesmo, do último de seus volumes house de desentranhar-se, a última hora, o profético prefácio que escreveu para a "História topográfica e bélica da Nova Colônia do Sacramento do Rio de Praia", de Simão Pereira de Sa (2<sup>a</sup>), que editou, em 1900, o Liceu Literário Português; o corrosivo ai é sublimado. Humorismo é humor.

Capistrano não dissimulava a sua. Perguntei-lhe um dia sobre a veracidade disto, que me contaram, sobre Rui Barbosa. Em seu círculo de políticos, Severino Vieira, Leopoldo de Búlhães e outros, discutia-se o grande balanço. Querem saber a opinião do historiador. Capistrano parece mudar de assunto e perguntar: "se já viram, pelo sertão, ou nos subúrbios, esses macaquinhos de cheiro, prendados de artes, que exibe um varcamento...? Encontrei um casquinha vermelha, e o bichinho se enfeie nele; um pandeiro, e ruífa-o o mono; uma pistola e o bugio afiou o ru... O italiano era o Azeredo". Capistrano ouviu e relâmpago o termo da anedota: — Dissera — "agora" — o italiano aponta, é o Azeredo; porque a "agora", dizia, agora é o Macedo Amorim. Anos depois, numa feita descalce ele as escadas da Biblioteca Nacional, e passava eu, em taxi, pela Avenida. Fiz parar o veículo e lhe ofereci condução. Não aceitou, indicando ir em sentido contrário, mas de longe, aludindo à minha velha curiosidade, gritou: — Olhe, "agora" é o Irineu Machado..."

Essa dicacidade humorística aplicava-se à história. Não é que escrevesse uns magníficos "Capítulos de História Colonial", para pôr fora de história o "sargentado paroletado de Tiradentes"?

Confessou-me em carta que, a quem sobre o caso o interpelava (não fora eu somente a notá-lo...) respondera "que a conjurado minstra (sic, com minúsculas...) não passava de conversa flada, como evidenciava a sentença aninhavada depois de quatro anos laboriosos. Sobre Tiradentes em particular, atinha-me ao último depoimento do réu e à sentença; nem namorava, nem neste, achava a matéria prima de um grande humor".

Por isso, o suprimiu, não postando, por contrariedade de humor, que lhe revelavam a intenção. Também Taine, depois da "Origens da França Contemporânea", em que tratara a Nação de caudilho, "condottiere", queixava-se a Renan, que, não audia porque, perdera as graças da Princesa Matilde. O outro, compreendendo, mas não querendo inutilmente discutir, consolava-o: "Ora, eu briguei também, por um livro de história, com outra dança, bem mais importante... — Quem? — A Igreja Católica!"

O Brasil ou a sua história, não brigou, por isso com Capistrano; levantou uma estátua ao tal Tiradentes... Pouco importa, o mau humor justo — o humorismo não é um mau humor, é boa companhia? — esse, de Capistrano ficará.

Pena é que não tivesse deixado escrita a página suprema do seu humorismo. Costumava contar como ele, simples Capistrano, redator da "Gazeta de Notícias", proclamara a República, em 15 de Novembro de 1889. Fizeram-se o movimento secessista do duino de Benjamin, de Quintino, contra o Imperador, no de Dourado, o chefe da insurreição, contra o Ministério. Havia incerteza, querendo uns, sem ousar; não querendo, e esperando, outros. O povo, desde antes, desde sempre, assistiu, "bestializado", segundo o testemunho de Artistas Lobo, um dos conjurados. Capistrano tomou o giz e, no quadro negro da porta da redação, escreveu, na sua conta e risco: "Proclamada a República". A multidão, que se escoava pela rua do Ouvidor, ia, patrada, seguiu comentando e espalhando: "estava proclamada a República"... Os interessados vieram a saber. Proclamara-se a República.

A grande batalha da proclamação do regime "também" não houve. Na história do Brasil há muita humorismo.

## CAPISTRANO AFONSO ARINOS DE MELO FRANCO

Uma noite destas encontrei-me com um grupo de mais dez ou doze companheiros, dentro de um porto bem carioca, no auge carioca de todos os bairros: Botafogo (Sims, porque este negócio de Laranjeiras, Gavea, Catumbi, são timidos tentáculos que apenas se aproximam, por alguns traços, desse conjunto fulminante: canoquinhas). Botafogo, com os seus pinhões sedativos, os seus gatos oposicionadores que confundem com chás de longo e telejante espírito, nas varandas de grandes ferro e trepadeiras boluguenses. Botafogo, com cajós-mangas, corombolas, vapots, moços ainda gordos, ainda morenos, ainda de troncos; Botafogo do sol outonal, sem óculos securos e sem laços de calças; Botafogo de terra sem areia e de atmosfera sem marroxas atlânticas. É a imagem mais lírica do Rio imperial, e servindo de grande estampa aos romances de Machado de Assis. Foi, pois, num porto de Botafogo que nos reunimos, uma noite destas. As paredes do extenso salão estavam cobertas de estantes, e as prateleiras destas, carregadas de livros sólidos, de primeira ordem. Mas o solo estava podre, como um tombadilho de velha neve; e os presentes se sentavam constrangidos nos cadeiras de palhinha, necessas de que elas fizessem sobre os tábua carcomidas. Que fazia aquele grupo tão pouco solene, tão pôrdo, pôbre de Botafogo? Nacumba não era, tampouco consagração e nem mesmo literatura. Aquelas pessoas, como acontece uma vez cada ano, evocavam ali, — sem necessidade de mesas laterais, — uns dos mais fortes espíritos que o Brasil já teve: a de João Capistrano de Abreu.

Era o dia do nascimento do seu patrono, e a Sociedade Capistrano de Abreu, — uma das mais modestas sociedades deste mundo — festejava a data sem bulha nem ingratidão, na casa em que morava o mestre. Nota, aliás, daqui, que A MANHÃ não dedicou a Capistrano o seu suplemento literário desta semana. E daqui peço o Milão Liso que não se esqueça de fazê-lo, quando se der o aniversário da morte do grande escritor.

Quando digo escritor, faço-o sinceramente, pois que em Capistrano o escritor "fabuloso" (pois me serve de um objetivo para o Partinari) tem sido demasiado esquecido, por causa da glória do historiador. Em tudo Capistrano foi inovador, inclusive na forma de escrever, cujo lavor folclórico era nele uma preocupação evidente, e que estranho não seja tido na conta que merece, pelos estudiosos da sua obra. Talvez a agressiva frescura, o rude véu de seu estilo, não ogradem os remanescentes do tempo em que beleza era sinônimo exclusivo de pompa, brilho e principalmente eloquência.

### Sobre a NOVA COLÔNIA DO SACRAMENTO Prefácio à História Topográfica e Bélica da nova Colônia do Sacramento do Rio da Praia, de Simão Pereira de SA,

Rio, 1900, p. XXXIII — IV.

"De 1817 a 1828 sob os reinados de D. João VI e D. Pedro I a banda oriental integravam-se com o reino e Império do Brasil; mas a 18 de Abril de 1828 trinta e três patriotas desembaram no Uruguai, dispostos a conquistar a independência de sua terra. A luta durou o resto do ano de 1828, todo 1829, quando entrou por 1829, grárias ao auxílio dos Argentinos, a quem o Brasil declarou guerra. Finalmente, pela convenção de 27 de agosto desse último ano, sob a pressão do embatizado da Inglaterra, no Rio de Janeiro, a Província Ocupativa foi declarada independente do Brasil e da Argentina.

Infelizmente D. Pedro I não era homem de largo descortino, e não compreendeu a situação novamente criada. "Nas concessões, diz Roscher, das entes de mais que de menos, exatamente como o cirurgião de um membro gangrenoso antes corta de mais que de menos". Separada a província oceânica, que ficava significando o Rio Grande do Sul? Que se lucrava em, derribadas as muralhas de Ilon, guardar o cavalo de Troia?

A resposta não se fez esperar. Em 1835 rebentou uma revolução que durou dez anos. Desde então ou doutrinário, ou sanguinário, ou pecuário, ou caudilhário ou federatário, — as formas variam, o fundo permanece, — grárias o artiguismo alem do cabô de Santa Martha. O Doutor Francia pôde prender o corpo; e alma de José Artigas (chacal conjugado a Moloch) vulga, diante impropicável, pela campanha e sobre as corizilhas.

Haveria médico, diz Wilhelm Roscher, incumbido do tratamento de um talco, que em falta de medicamento eficaz, não querendo ficar sem fazer nada, coseasse a boca do paciente para impedir os escarros de sangue? Se há! Desde mais de meio século não tem estado outras à cabecinha do enfermo Brosh".

("Humour" — 198-201).



Capistrano de Abreu numa caricatura de José Cândido — Rio — 1928

A verdade é que a ciência histórica e a aguda infusão sociológica de Capistrano se exprimiam através de uma língua musical, improvisada, laborada com amor. Em tudo, ou quase tudo se meteu aquele diabo velho. De memória testou escrevendo fora de casa, longe dos meus livros, recorde a sua contribuição à historiografia, não só através das obras pessoais (como a sua tese de concursa sobre o descobrimento e a colonização no primeiro século), como pelo copioso material que adicionou às Histórias de Frei Vicente e de Vornhagen. Lembram as incursões sempre proveitosas e não raro decisivas que empreendem os caminhos do etnólogo, da geografia, da bibliografia, da linguística indígena, do folclore e da bibliografia brasileira. A quantidade de livros preciosos e esquecidos, de cuja publicação ou republishação foi propagador; a compreensão das bases econômicas e sociológicas da nossa História, que teve ontes de ninguém e mais de que ninguém a naturalidade com que "tava a deus nos pontos cruciais da nossa formação, insinuando a necessidade de estudos, numa sentida e num caráter que somente agora estão sendo compreendidos e seguidos, fazem de Capistrano, na História e nas ciências afins, um homem absolutamente excepcional não somente

no Brasil, como em toda a América Latina. Tão excepcional quanto Machado de Assis no campo literário, ou mesmo talvez mais, pois no terreno que escolheu a imitação dos modelos europeus (que era alienal a fundo da originalidade machadiana) não era coisa muito realável.

Aos trinta anos incomplidos Capistrano já era um mestre. Hoje sinto isto um depoimento interessante de Carl von Koseritz, que assistiu, em 1883, ao seu concerto para a cadeira de História do Brasil do Colégio Pedro II. O célebre orador a enorme superioridade do eximido sobre os dois examinadores, que eram Matos Maia e Moraes de Azevedo, o terceiro componente da banca, Silvio Romero, não eximiu. Superioridade tão patente quis, diz Koseritz, fez com que o Imperador, presente ao ato, suspenesse a sessão, meio aborrecido com a pompa cena. E o mestre de trinta anos morreu com mais de setenta sempre na primeira fila dos sobrados das nossas problemáticas, posicão que lhe era aliás conferida pelos outros, porque ele mesmo o repelia enfurecidamente, como tudo o mais que chevasse a mente ou garrido.

Dentre de mais alguns anos serão o centenário de Capistrano de Abreu. Parece que até então, a Sociedade que lhe vai presidir não terá podido publicar em edição definitiva as suas obras completas. Mas de uma coisa se precisa cuidar, desde logo: de um estudo a sério sobre o grande homem, qualquer coisa que exceda de muitos estes vagos e fragmentários louvores dos artigos de jornais. Radalto Garcia, discípulo amado de Capistrano, e que o substituiu como mestre dos novos estudantes das colas brasileiras, não poderia se incumbir desse trabalho?

(A MANHÃ, 25-10-1941)

## CORRESPONDÊNCIA DE ESCRITORES CARTA DE JOAQUIM SERRA A MACHADO DE ASSIS

Meu caro Machado.  
Apresento-te o portador desta sua João Calatrava de Abreu, moço muito recomendável pelo seu mérito literário e que me foi apresentado pelo nosso amigo José de Alencar.

O sr. Capistrano de Abreu aprecia-te, e deseja pessoalmente conhecê-lo; estou certo que o acolherás como a um amigo e colega.

Abraça-te o ten

Sera.

II de maio de 1875.



# RAUL POMPEIA - Capistrano de Abreu

ADELIA FONSECA .. A. A.

... o mágico, quasi mágico, que é nascido, que é nascido, apesar das adversidades. Temperamento de artista. De artista com gênio, esse gênio tem dificuldade em se expressar na direção litográfica e ate literatura.

Não faz verso, feitamente. Uma vez contou um almanaque com rima. O dr. Philo apresentou-o e reclamou os versos. Para evitar novos litígios, Pompeia teve o bom senso de quebrar a lira.

Amor de música, e diz que gosta de música. E falso.

Gosta de ver desfilar os grandes espetáculos. Da vida por uma "marche aux flambeaux". Caminha dez leguas a pé para assistir a uma batatá, considera o melhor dia de sua vida a de rigata canhaneira em São Paulo. Vozes de S. Paulo não são, não sei sob que pretexto, mas com o flim exclusivo de assistir ao centenário do Brasil.

E um espírito, ouçado; provoca sardas não batidas, e as não entusiasma; não tem medo da solidão, vai só e tem paciência de chegar.

Demais, desde o princípio,

as francesas, deu-lhe as alianças de que precisavam, salvo em sua compatriota do porto, sempre com as maiores demonstrações de respeito e amizade. Tudo alelui! A 15 de agosto, os portugueses e o salazarista La Peleire, tomaram-lhe a carga, apreendiam-na a gente, mandaram todos para Portugal, onde ficaram presos. El-rei só soube da notícia armou três navios para irem tomar o Pernambuco a fortaleza ali deixada, o que Pero Lopez conseguiu, cerca mensen decembro d'icíi anual millesimi quigentos e vinte primos, depois de bombardeada desse dia.

O outro documento, incorporado na História de frei Vicente do Salvador, concluída em 1627, é evidentemente contemporâneo ou quase contemporâneo, tantaas as particularidades que coincidem.

Então, segundo frei Vicente, Pero Lopez de Souza partiu de Lisboa da Europa, e conquanto o cronista não declare o número de navios, vê-se que deviam ser três.

A essa data da Ilha de Ilamaraca partia uma nau francesa que ia para a França, contra a qual mandou uma caravela para velar; a caravela era um pensamento, assegura frei Vicente. Como a nau francesa estava sobreacarregada, posto que devia ter muita parte da carga de pau-brasil, enfim foi alcançada quando se por em defesa, fê-la atiraram da nossa um pelourinho, que colhou de prou e popa e a desenxarcou de sua banda e lhe matou alguns homens, com o que se rendeu a mais, que eram trinta e cinco entre grandes e pequenos, e a nau com essas peças de artilharia. Outras duas caravelas, comandadas por Alvaro Nunes de Andrade e Sebastião Gonçalves Arvelos, tomaram unha nau que vinha de França com muitos e ricos bens aos Franceses.

Próxima a fortaleza, grande parte da guarnição foi morta, e inclui-se que o barão de Saint Blanchard e a fonte de frei Vicente variam.

Em vez de combinar os documentos vistos por Varnhagen com os discordados, o protocolo de Bertrand d'Ormesson e o fornecido por frei Vicente deixam-nos com todas as discordâncias, nos investigadores futuros.

Em suma, interessam-nos somente saber que a fortaleza de Ilamaraca, fundada por Cristóvão Jacques ainda desta vez resisteu das chamas.

Exaltados pela distância e deformados pela retentiva, descreveram mais tarde os sucessos narrados e os que vão subterfuir e expelhavam na alma de um índio pernambucano:

"Vi o estabelecimento dos Peres em Pernambuco e Poco... No princípio os Peres não faziam senão rezagar, sem querer se habilitar de outro modo. E neste tempo dormiam iluminados com as filhas de nossas semelhantes de Pernambuco, que tinham por grande honra.

Deixaram dizeram que cumpria que se habituassem com elas, e que deviam fazer fortaleza para guardá-las e construir cidadela para morarem todos juntos, fazendo parecer que não desejavam ser senhas uma nação. Depois fizeram-lhes entender que se podiam tomar suas filhas dessa sorte, que Deus lhes proibia casar-se, a não ser por consentimento, e que não deviam com o consentir se não fossem batizadas e para fazê-lo era necessário que Pays (Padres).

Portanto, puis, vir Pays, os quais plantaram cruzes, começaram a instruir-las e depois a batizá-las. Persuadiram-lhes mais que não podiam passar sem escravos nem o Pays tão poucos e tão novos casava e trabalhava para eles, o que se foi obrigado a dizer-lhes. E não contentes de escravos tomá-los na guerra, queriam ainda ter seus filhos, e finalmente cultivaram a ideia de torná-los brancos e crueldade continuamente exercitada sobre nossas semelhantes, que a maior parte das que rezavam eram crianças não obrigatorias a largar a terra."

Assim desfogava junto aos franceses do Maranhão em 1619 o venerando "Momboré Ouassou" aage de plus de neuf milhares (11).

— Claude d'Arberville, História de la missão dos Pères Capuchins en l'île de Maragnan, 149 p. 1614. Deste livro raro, o nunca reproduzido, só uma tradução de Cesari Antônio Marques, Maranhão 1824.

Por extensão de certos trechos de tal obra, que se referem ao capitulo de Arte de Furtar, e diversos livros e artigos das Ordens das Capuchinhos, as obras de Gama Barros sobre Administração pública em Portugal, e o N. S. Costa Lobo sobre a História da Sociedade dos Portugueses XV. Decreto criando hc. por João Monteiro A. J. da Orbe Sezaptaria Brasileira de Jaboticabal, parte inédita 1847 Rio, 1862, etc.

C. DE ABREU

A essa frase ainda é um pouco ambigua, mas já tem um colorido peculiar. O seu vocabulário compõe-se de termos corretos, e é extenso. A falação é solene e original. No período que se segue o adejo do punto que vai dizer o nubilo, e afrontar o espelho.

E' uma vontade persistente. Apresenta litografia sem mestre, empregando no primeiro trabalho poucas metas horas que come em medianas a lei dos três estados. Aos 18 anos, escreveu um romance, imprimiu-o sem que ninguém o soubesse, e nem que alguém o auxiliasse, com as economias feitas em passageiros de bonde e no "argent de poche". Seus companheiros de casa em S. Paulo falaram com espanto de modo porque estudou quando se aproximavam os exames. Perguntaram a Raimundo Correa.

A sua persistência e em parte hereditária em parte adquirida seu pai é homem de uma energia extraordinária: não privada mas não versátil, nemcede nem recua.

Demais, desde o princípio,

o talento de Pompeia é ultrageado. Não há uma só pessoa que não morra na "Tragedia". Por que? Descreve um seu compatriota que para demonstrar que não há providência. Descreve-o ele que por ser a morte a única coisa certa da vida. Escolhiam o que quiserem. O certo é que, até pouco tempo, não havia um conto seu, mesmo microscópio, em que não morresse alguém. Agora ele contenta-se em militar ou desfigurar os personagens. Ja é um progresso.

Além de corretamente traçado, Pompeia é refratário ao cântico. Já lhe vieram algumas páginas espirituosas? Sabem alguma dito engraxado seu? Lembraram-se de alguma gargalhada sua, franca e gostosa?

Por minha parte, responde "não" a todos os quesitos.

Sua concepção do romance, ainda ha resquício de "romancinhão". Ainda há roubos, assassinatos e "corpus de main".

O seu ex-máquina põe de vez em quando a calva à mostra. Os propulsores usurparam o lugar das moitas intimas.

Entretanto, é forçoso reconhecer que tem melhorado. Os contos que tem escrito deram ensejo a estudos proveitosos. Venha agora um pouco de teoria, a leitura dos analistas, o conhecimento de psicologia, e estará transportado e passo perigo so.

Transpõe esta passo o nosso Pompeia? Diz ele no prólogo da "Tragedia": "Encetar uma publicação é de alguma sorte comprometer-se a terminá-la".

Pois ele encetou a tarefa de

darnos um bom romancista. E indispensável que a remate.

Em minha opinião, Aluizio Azevedo e Raul Pompeia são os dois maiores romancistas da nova geração.

Ambos têm muitos pontos de contato, e as suas obras nos dão, há de vez em quando, coincidir.

Mas Pompeia é e ficará sempre

um pouco menor. Aluizio foi

Raul teve de lutar contra professores e examinadores. Um destes temido em não lhe dar distinção não sei mais em que preparatório. Pompeia teimou em obtê-la e obteve-a. E' verdade que fez exame quatro vezes.

Quicquid tentabam dixeris varvas erat, tudo o que eu queria dizer me saiu em verso — refere de si mesmo Ovidio.

E' só o exprimir normalmente na linguagem dos dias, mostrou no entanto Adelia Josefina, por forma brilhante, pertencente a mesma estirpe espiritual do cantor das Metamorfoses, com menos de 15 anos, gloriosa qualquer noite.

Franclino Moniz Barreto, o célebre repentinista baiano, dividido de tanta precoceidade, supondo que algum assistente soprava-as a glosa a criança. Por isso, num lúcio de prendas na Barra, pô-la Moniz Barreto no colo e, para verificar a exatidão do que havia a seu respeito, deu-lhe ele mesmo por mote

Das avós a beleza

que era o lote que o feitiço apregava na brasileira.

Perto de onde se achavam os dois, um certo sr. Franco, na sala, cabearava, alheio aos acontecimentos.

A jovem poetisa, no colo do Moniz, preparava a glosa e, depois, segundo costumava, batia palmas e cantava:

Senhor Franco, não cochila,  
Que só da redeira abaste:  
E' melhor que vá dormir  
Das avós a beleza.

Amar é belo e belo cache

que era o lote que o feitiço apregava na brasileira.

Perto de onde se achavam os dois, um certo sr. Franco, na sala, cabearava, alheio aos acontecimentos.

A jovem poetisa, no colo do Moniz, preparava a glosa e, depois, segundo costumava, batia palmas e cantava:

Senhor Franco, não cochila,  
Que só da redeira abaste:  
E' melhor que vá dormir  
Das avós a beleza.

Amar é belo e belo cache

que era o lote que o feitiço apregava na brasileira.

Amar é belo e belo cache

que era o lote que o feitiço apregava na brasileira.

Amar é belo e belo cache

que era o lote que o feitiço apregava na brasileira.

Amar é belo e belo cache

que era o lote que o feitiço apregava na brasileira.

Amar é belo e belo cache

que era o lote que o feitiço apregava na brasileira.

Amar é belo e belo cache

que era o lote que o feitiço apregava na brasileira.

Amar é belo e belo cache

que era o lote que o feitiço apregava na brasileira.

Amar é belo e belo cache

que era o lote que o feitiço apregava na brasileira.

Amar é belo e belo cache

que era o lote que o feitiço apregava na brasileira.



Photografia da casa em que morou Capistrano de Abreu. Hoje é a sede da Sociedade que tem o nome de

Capistrano

# CAPISTRANO DE

Em 1857, Corrêa Neto, parece que disse em expresso: «... a voz com o birtmo do Brasil estendeu-se daqui em todo o lado de cá». E é que em quaisquer horas tempos, é essa certeza que lhe falta a elas. Ilustre e nobre amizade a aguçar-se, a desenvolver-se, cada dia que, ate agora, se registra. Para restar-lhe a cor, o toque das palmas mortas vira-lhe todavia qualidades infatigáveis, ricas de sensações poderosas. E estes elencam-se, no acúlio: Joaquim C. Góis da Silva, Gonçalves Dias, Varnhagen, José Francisco Lisboa, Cândido Mendes, João Roberto, Diogo de Vasconcelos, Sampaio, Alfredo de Olivalho, Rocha Pombal, Alfredo de E. Tamay — toda uma patente em suma, de possuidores pa-crentes que, engajados nos arquives, aspirando a perfeição artística e coloquada, procuram, neles um momento a dura consumação mesejada, um anno de vida para engrandecer uma obscura miséria esclarecedora.

Estas questões, porém, se falam consagrado, e essa é a sua ideia: é um mesmo tempo, encontro e término, levado em horas das Capitanias de Abreu. Mas que não tivesse ele deixado uma obra intensa e colorida, que lhe viesse levantando um véu e o mundo uniforme, não que se tivesse ele voltado a desaparecer, com o pensamento da morte. — A multidão da postura, a feitura de uma grande História do Brasil, mas pelo seu tacto, mas pela sua modéstia; para nós, fomos surpreendentes coisas, que interpretava os velhos textos e, conferindo-lhes existência, os trazia, deles, conclusões novas e, no particular, Conde Edmundo de Gonçalves que, nesse tempo, costumava comparar Telêmaco a um cão de caça que tivesse perdido o farelo. «Permettez-moi, monsieur, d'agir à romanesca russa...», de competir. «Vou-te dar um elenco de chasse que l'as tu. Il quêtérit, il arrêterit. Il faîsset tout le mestige d'un elenco de chasse d'un manière merveilleuse, seulement, il n'aurait pas de ven». Abstração do rusticidade, o esquema que pode-se dizer que era a vantagem desse escritor, que o Capitão de Abreu levava sobre os demais estadios da nossa história. Ele possuía, mais que nenhum outro, o que se podia chamar o farelo de V-rose.

Caíramos de Abreu foi, efectivamente, a Infelizmente mais aguda, e plena, que as lettras idealistas lhe haviam a seu serviço, nos comínios da História. E verdade nenhada-lhe por intuição, por instinto, ou por serviço por essas qualidades que ele merecia, é a essa berlinda e impõe-nos alterações secundárias. Tocando a ratificação precisa, daquela que o revolucionou, serviu-lhe para penetrar os seivos caminhos do passado e perrendagem de antigos costumes que lhe conta nas veias. Ele rastreava o "velho mundo" em seu antepassado americano perseguiu-o sempre na brecha, evitando-lhe as pressas mundanas através de todos os rumores da natureza. Ao contrário dos outros historiadores, que chegam ao conhecimento pela cultura, ele atingiu o máximo da cultura libertando-se da adiavariação. Quando abriu um livro só podia já o que estava lá dentro. Nos meus misteriosos das lettras históricas, nie não navegava como Cabral das antigas tradições, para descolher por elas, mas como Colombo para confirmar o preverido.

Toda a sua obra revela, de maneira patente essa dimensão da intelectualidade. Antes deles, só eu fiz dezenas e desenhas de histórias havaianas, já revestidas em artigos publicados no *Document*. Eu passa por todo momento pensado, lá trás em quatro páginas de prefácios. Mas é só que descreve, entre papéis revistos, o *Historia dos Povos*, de Frei Vicente. E é só que se estende a monografia sobre o *Príncipe e o reino dos índios*, de Fernando Cardim. E só que descreve, confrontando documentos, ampliamente, revolucionária os textos de necrópolis como a época em que foram escritas, uma infinitadde de questões até então enfrentadas, assentando o edifício da nossa

em história nos seus planos definitivos.

O seu processo de convergência vale, só ele a sua glória. Os seus antecessores, com exceção de Joaquim Cipriano, mas incluindo Varnhagen, entravam sempre, claramente, mas desfalcados, com idéias preconcetadas. Os documentos que exibiam visavam sempre um objetivo, um ponto pré-estabelecido. Isto lhe surgia algum que lhes era oposto, punham-no à margem. Capistrano, não. Tudo lhe merecia consideração e exame. Analisava, estreitava, confiava. Seguia o historiador tendencioso com interesse, o cuidado, o zelo, e, às vezes, a paixão que ele punha na exposição de seu ponto de vista. Chupado, porcia, no termo da viagem, punha-lhe sob os olhos a documentação contrária. E voltava dia e trazendo nesse a pacote aquilo que simulava aprovar, e que não condensava logo para não tirar do adversário o eufemismo de demonstração.

**O Desembolado do Brasil**, volume agora reeditado pela associação que tem seu nome, e que nasceu e é mantida por uma centena de amigos para lhe cultivar a memória gloriosa, oferece, talvez, mais que qualquer outra das suas obras, a prova desse feito mental. A primeira questão por ele levantada é naturalmente se tem indícios de que havia entre o entomólogo e o ecobiólogo-mor, o desembolado da terra que é hoje nossa? aos franceses, como em "Gravier, Giffard e Lamarmoreau"? aos portugueses, como preludem Pedro Marin e D'Avellar? aos portugueses, como estabeleceu o português? Cada um examina todos os argumentos, a favor de um e de outro. Admitir que os franceses tiveram o entomólogo no Rio Brasil brasileiro antes da chegada de Cabral a Porto-Seguro, reproduzindo pelas calendas de navegação e pratas dadas astrolabímeras que D'Avellar põe na obra de Santo Antônio, não é de modo certo, nem é de modo certo.

"colonização", a 26 de junho de 1500, cerca de três milhares, portanto, antes da frota do almirante português. Mas concorda que arqueologicamente os desbravadores do Brasil foram os portugueses, porque diz: "necessariamente se inicia a nossa história por eles se contínua por outros, a eles se devem principalmente os indígenas que produziram uma cultura moderna e civilizada em território antes povoado e percorrido por tribos tribais primitivas".

E essas cunhadas são felizes e racionais. Os  
brasileiros visitavam o litorâo brasileiro, sem dúvida,  
mais os portugueses. Não se tratava, porém, de  
rotas regulares, armadas pelo rei, mas de aventur-  
eiros que, na sua maior parte, exerciam o comércio por  
conta própria. E provável que alguns deles coman-  
dasse Cachim. Um desses aportado a terra americana  
vindos das vizinhanças do equador. Navegadores clandestinos  
que, na sua maioria, faltavam-lhes, todavia, autoriza-  
ção para romper, possuindo eficiente da regras derro-  
tadas, mas, rumando para o norte, não empregavam  
maior significância no mundo que se lhe deparava.  
Catalão foi o primeiro que, oficialmente, foi ou passou  
a terra e despejando imediatamente, com suas  
outras para a metrópole, seu conhecimento da expe-  
dição ao seu rei. A el-rei, assim, o già lo ofendido  
na desobediência que Portugal reforçou de jazendo, com  
o conhecimento e, pouco depois, com o triste di-  
versamento.

Reservado, dessa forma, com o preâmbulo da federação e a força em melhor a tramação dos documentos estaduais, esse ponto obscuro da nossa história ascende, levanta. Capistrano logo, outra divida, que não é mais senão a repetição oportuna do interrogação destruído no ato desde 1848 pelo imperador, e o qual deve valer, em 1852, a resposta de Jean-Baptiste Norberto: «O Brasil foi descoberto na noite».

A versão tradicional, isto é, da cronística, vai perdendo de autoridade gradualmente, no decorrer dos séculos de estudo. Os feitos de Colombo e Vasco da Gama haviam despertado nos portos do norte europeu aversão à ideia de grandes navegações. Lançando-se no mar para a conquista de rutas de negócios, não se compreende que Portugal se interessasse com a descoberta do caminho marítimo para os Índias, quando Castela, rumando as suas velas para oeste, se apossava de países insulinhenses. Essa indiferença torna-se ainda mais invulgar quando se sabe que o próprio Vaz de Gama, na sua primeira viagem à Ásia, fez a apresentação terrenas a este país que se abertura ao leste de míticos lagos da costa africana. Essa aproximação do Brasil americano verificou-se em 15 de agosto de 1497, quando o grande ladrilho partiu, a 3 desse mês, de Cabo Verde, se achou, a 22 a 25º ao oeste do sul da África. No "Itinerário de Vasco da Gama", estão assim formuladas as notícias daquele dia:

experimentado capital, e o que é mais comum é que se encontre n'ele, na presença de águas, que também a este passo assunto: "Se ente não desgostar o Brasil", opina Capistrano, "devesse habitar o Oceania, aí se designariam, a menos que não o seja à resolução da sua, em que estava o grande número de homens destinados a serem empregados em outras empresas artes de dizer, com a mesma intensidade de que: 'foi encantado'". Poder-se-ia notar, que quando os teólogos se orientavam pelas metrópoles da França e da Espanha se apresentava tentação para descobrir terras esplêndidas. Portugal devia curvar-se a informação fidejacente do maior das continentes? A presença de antigos auxiliários da Vaca da França, como Nicanor Coelho, na frota de Cabral, não denunciava, acaso, que este havia em mente de verificar, de passarem a exame os documentos registrados, três anos antes, pelo navegador capriote que se achava nessa vila viagem as Índias?

Onde, porém, Capistrano se revela é mestre máximo da nossa história é no estudo do Colaboramento da terra e do seu povoamento. Ele foi, pode-se dizer, o primeiro a tomar em consideração aqui os fatores naturais para explicação das fronteiras ocidentais e os fenômenos sociais como factores de limites geográficos. Foi a este respeito que, em verdade, que traçou inicialmente, no Brasil, o seu destino histórico. "As montanhas", diz Capistrano, referindo-se aos bairros exteriores — foram sempre a barreira, o farol que iluminaram a vista aquelas hordas empreendedoras; os rios foram os caminhos que secularam de preferência". E exalante essa influência da natureza sobre os povos humanos. "Não é preciso expor esferventemente por que as montanhas figuraram de modo tão importante nas primitivas explorações do interior, sua fixidez invulnerável, a sua visibilidade a grande distância são fatores potentes. Além disso, uma montanha domina uma grande parte do país e delas pode-se fazer um reconhecimento prévio do território a percorrer, uma recapitulação rápida do espaço percorrido". Quando os rios são vantagens não têm maior. Murciano, um rio não só é marco de uma pessoa se perder. O rio garante a fome, eo céu, dispensando de vida facilíssima a alimentação direcionada pelo poço que contém, infretamente prazerosa que vem liberar no seu leito. Em pais habitados por indígenas é um fuzo, que de um lado cultiva muito ou máquinas. Enfim, se sobrar contra corrente não é fácil, e cada grande estuário regular, é certo que na direção da corrente a viagem é facilíssima e quase dispensa esforço". E conclui: "Na realidade, tal é a importância das três maiores partes da nossa história, que as bandeiras devem encarregar-nos pelo ponto de onde partem, mesmo que não nos pertençam".

Estudos então, a artificiada destes no território  
português do Brasil: a do Tocantins e do Pará.

Francisco, e finalmente a do Amazonas. O primeiro foi, todavia, o que exerceu papel preponderante no fixação dos limites do mundo que se encantava. Foi ele que deu ao Brasil Minas Gerais e Pará. Bento Catarino, Olízio, Mateus Costa e o Rio Grande do Sul. "Os paulistas — diz — evitaram a descer o Tietê desde os primeiros tempos provavelmente anter do meado do século XVI. Um foram subindo pelos seus afluentes Juquiri, Jundiaí, Pinheirinho, Poá, etc., e o Paraná," é assimilado: "Aqui encontraram circunstâncias, à primeira vista insuperáveis, que exerceram grande influência sobre a direção das bandeiras e sobre a formação territorial do Brasil. Achou na confluência do Tietê e o Paraná, fértil solo que é impossível transportar: o de Urubupungá: abriu-lhe o das Belas Quedas, ainda mais difícil de ser passado. A consequência foi que as bandeiras tiveram de tornar alto o que não eram caçadores aquilhas humana, desmatando, ou de internar-se nos afluentes do brasil direto e de lado esquerdo do Paraná. Foi o que fizemos".

E com essas observações sagrava que ele tentava e desceu a resolver o problema: o espírito da cultura histórica primitiva. E sua preparação era ainda a previsão das suas conclusões: de um lado, irreversível nas malhas em que se inseria; do outro, A apreensão da sua instância, a sua realidade esclarecendo um ponto controvertido ainda a table de um solo, lascando uma certa. O seu nome só se encerrava numa dissensão.

Esse estudo, assim fruto, é, todavia, uma revisão e completa, apesar a previsão do autor, devida mais amplamente no resumo descritivo da obra. Ele confirma no desfecho seu prejuízo quanto que direita emana, que o organismo é um sistema integrador, formado por partes e processos interrelacionados, presos em eterna ligação. Esse equilíbrio é instável e desestabilizado pela ação de causas nos outros ou que concentramo-nos em pessoas, mas como uma entidade é, a mesma, e permanece sempre o mesmo, de modo que o resultado

prazer intimo, sempre se encontra o nome de São Francisco  
verificado. Ele same, como é mais comum, dizer-se  
só que a sabedoria consiste em combinar a vida  
com a virtude e respondeu a mim: «E por que  
não meixa velhas transcrições no tumulo do seu pa-  
tríaco ou da sua sala de biblioteca?». Respondei:  
«Velhas amarras! como não! que Rio Branco realizou  
sua morte e Espírito Santo as suas». — respondi.  
Couto, uma vez, o sr. Coutinho Alves, veiu  
procurar a ponta na encyclopaedia com que Rio Branco  
começou a posterioridade, que Ireneu  
Capistrano à sua serção na Biblioteca Na-  
cional e pombava-se a consultar manuscritos, los-  
cando das edificações ou dizeras das estâncias velhas, te-  
rras, casas-regnos, encravado, documentado, para  
que as leisse em princípios dos séculos XVII e XVIII.  
Procurava um nome, ou uma data. Dentro de 15  
ou 20 horas o seu busto vigoroso desaparecia misterio-  
ramente por trás das pilhas de almanaque galego,  
nos quais escondava a barba, desfrutando as  
notícias ou diligências que o tempo exercitava. Da-  
trás das levasava o investigador nesse esconderijo  
tempo morto. Encantado, afinal, o que, porventura  
com aquele afil, levava as suas notícias em um  
dado de papel e resguardava, satisfeito. E trechava  
novos os «Alfons», mandando guardá-los — e o  
centro quase sempre dentro deles o papel com na-  
tas, que havia tomado. Porque, na verdade, o que  
lhe interessava a ele era estreitar a sua memória  
e não a ideia de transmitir aos outros aquilo  
que havia verificado no consulto. Os livros  
que deixou constituíram, para ele, simples matérias  
de uso pessoal, de que, porfia-se dizer, os amigos se per-  
suraram. Ele, por sua vontade, te-lhes deu de estru-  
turas, para que não ficasse na terra veracruz da  
presença. Não foi ele que, consultado para dar  
parte da Academia Brasileira de Letras, não  
excluindo-se, que a nova sociedade de que fala-  
vam era o puro burburão, e logo morreu, por  
não podia confirmar-se? Informa Platina que Rio  
Pompéu pôr-lhe no seu testamento, que tinha  
sen, o seu corpo nas memórias da morte. Jânio  
so ladrão, em outro regis, todos os livros que havia  
escrito. Capistrano, se os contemporâneos lhe  
tivessem permitido, teria estabelecido, possivelmente  
a mesma dispositiva testamentária. Ele, penso,  
parece, com aquele paracatismo de Moniz, a







**EM TEMPOS MUITO REMOTOS... - I AC** — Os homens se regam pelo Direito Natural: todos eram livres e iguais. Não existia Estado e nem a propriedade privada. Chamou-se a esse período a *Idade de Ouro*. Os povos eram politeístas, adorando deuses diferentes, representados inclusive por animais. Não havia mercados, alianças entre todas as religiões, quando se fundiam; surgiram depois, multiplicando-se como cogumelos, pelo mundo afora, e de tal forma exploravam a ignorância e a credulidade do povo, que Jesus Cristo, posteriormente, chamou-os de "Reis da Vibora".

**SECULOS DEPOIS... - 5.000 anos AC** — A gerações seguintes, mais numerosas, corromperam-se. Surgiu a cobiça, o orgulho, o descontentamento, por consequência as lutas internas. Os homens criaram um Estado, a propriedade privada e diferentes leis, artificiais, atendendo exclusivamente aos interesses de alguns ricos e velhacos, opri-mundo, como resultado, a maioria, que a pouco e pouco foi perdendo a felicidade que antes desfrutava... Os homens, embora biologicamente iguais, passaram a ser desiguais socialmente: senhores e escravos. Iniciou-se assim a exploração do homem pelo homem, sob a forma mais cruel.

**340 a 335 AC - Aristóteles**, "in *Política*", defendia a tese: "...O direito ao Senhor de dispor livremente do escravo é contrário à natureza" e "a diferença entre homens livres e escravos foi criada pelas leis humanas e não pela natureza"; e isto "é uma injustiça, porque significa uma modicância na ordem natural das coisas" — Aristóteles foi, talvez, a primeira voz sabia e humana a defender o trabalho, contra o explodar. A seguir, foram zunindo entre as reivindicações das massas trabalhadoras, que lentamente vão conquistando direitos, através dos acúculos, embora pagando preços invencíveis de suor, lagrimas e sangue.

**NASCE O SALVADOR... - Seculo O** — Pregava o monoteísmo e que os homens são iguais. Acusava, porém, as massas, o abandono de quaisquer reivindicações na terra, para o trono. "Também vos digo que não fai bem passar um camelo pelo fôrum de uma agulha, do que entrar em reio do reino de Deus", pois "a riqueza é sempre produto de um roubo", confirmava, posteriormente, S. Clemente, e "Se querer ser perfeito vai vender tudo o que tem, e dar a aos pobres, a terás um tesouro nos céus; depois, virá resgatá-lo". Perseguido, não tem outra alternativa e determina: "Dai, porto a Cesar o que é de Cesar, e a Deus o que é de Deus".

**DECADENCIA DO MUNDO ANTICO... - Seculo III a IV** — Depois que Roma conquistou e saqueou todo o mundo antigo; depois que devorou as riquezas roubadas ao ministro, chegou a sua irremediável decadência, pois tinha a sua produção baseada no trabalho servil: escravidão e servidão. Sendo o trabalho considerado ultrajante e próprio apenas para os pobres, dela se afastaram as maiores intelligências e os artistas melhor dotados do patrocínio. Os servos e os escravos trabalhavam sem outro estímulo que o chicote. Porém, bastaram os arremedios dos barbares povos germânicos para destruir o império romano.

**INICIO DA IDADE MEDIA... - Seculo IV** — Sobre as ruínas do império romano, os barbares germânicos edificaram novas organizações políticas. Germânicos e cristãos, em união estrutural, formaram as principais forças que recuperaram a Europa. Ambas estas forças tiveram origem no direito comunal e na democracia, que a princípio defenderam com ardor e sinceralde. Sofreram, todavia, de tal forma a influência da situação econômica da época, que o primitivo e defendido direito comunal, mais uma vez, cedeu lugar ao direito privado, egoístico, que premia, via de regra, os mais rapaces.

**EM PLENA IDADE MEDIA... - Seculo IX** — Com o desenvolvimento progressivo da propriedade privada e da vida urbana, foi sendo abandonado, esquecido e depois vitado, gradativamente, o velho direito natural dos cidadãos da Igreja. Afinal, só os latentes continuaram defendendo-o e algumas elaboraram doutrinas baseadas nos princípios do Direito Natural. As classes produtoras viviam em servidão. O feudalismo e o sectarismo religioso, representado pela Inquisição da Igreja, escreveram as páginas mais negras e tristes da História, retardando o progresso humano de séculos.

# História do Socialismo e das Lutas Sociais

por Max Beer, famoso historiador

UMA GUERRA DE IDÉIAS NÃO PODE SER GANHA SEM LIVROS, TAL COMO UMA BATALHA NAVAL NÃO PODE SER GANHA SEM NAVIOS — Roosevelt

Neste livro extraordinário, a História da Humanidade não é contada como nos livros clássicos, nos quais os guerreiros são encudados, os reis exaltados, a pompa, o luxo e as concubinas decantadas. É a História do mundo vista por um ângulo diferente: o do esforço titânico das classes trabalhadoras, desde os primórdios da Humanidade até os nossos dias, para a conquista do direito de serem tratadas como criaturas humanas, iguais aos ricos, pois que o são biologicamente e perante Deus. Revive a História desde o regime do trabalho escravo — sua evolução lenta através dos séculos, em que os operários, mesmo os de 9 anos de idade, trabalhavam mais de 14 horas por dia — até os dias atuais.

Acreditamos não tecer elogios bastantes, ao dizermos que esta obra será de imensa utilidade não somente para o grande público ávido de ensinamentos novos e verdadeiros, mas também para os historiadores profissionais que passarão a considerá-la a fonte direta para o seu aprendizado e aprimoramento de ignorância.

\*\*\*\*\*

SOMENTE LENDO ESTE IMPRESSIONANTE LIVRO PODERÁ O TRABALHADOR BRA-SILEIRO COMPREENDER O QUANTO TEM CONQUISTADO PACIFICAMENTE DE DIREITOS, QUE SEMPRE LHE FORAM RECUSADOS, GRAÇAS, EXCLUSIVAMENTE, À VISÃO SUPERIOR E À PREVIDÊNCIA DO GRANDE PRESIDENTE VARGAS, QUE ASSIM EVITA

\*\*\*\*\*  
A LUTA DE CLASSES NO BRASIL  
\*\*\*\*\*

Fazemos a Revolução antes que o povo a faça. Foi a bandeira de 30 e, na verdade, estávamos em plena Revolução em Marcha, sob a chefia de Vargas, para elevar, em futuro próximo, as classes operosas ao Poder, conforme assegurou à Nação o nosso esclarecido Presidente, no seu formoso discurso de 10 de Novembro, com as seguintes palavras: "A primazia nas posições de direção, controle e consulta, caberá aos que trabalham e produzem e não aos que se viciaram em cultivar a atividade pública como meio de subsistência e instrumento de simples acomodações pessoais". Apesar das tão claras e incisivas palavras do Presidente Vargas, os fascistas teimam em repetir as suas infamias e mentiras, acusando de comunistas a quantos lutam pela materialização das idéias do Presidente e repudiam o Fascismo, bem como aos que desejam conhecer as novas diretrizes sociais do mundo. Hitler, insano, queimou livros, supondo assim destruir as idéias de liberdade, que são imortais; os seus simpátizantes, aqui, preparam a repetição de façanha tão estulta...

# ÚLTIMAS NOVIDADES DA EDITORIAL PEIXOTO, S. A.

## Curso de Dírito Romano

DO PROF.

MATOS PEIXOTO

## Fenômeno Militar Russo

DO CEL.

J. B. MAGALHÃES

## Três Rainhas Galantes

POR

HENRI HOUSSAYE

## Pediatria

DO PROF.

MARTAGÃO GESTEIRA

## Espionagem

POR

ROBERTO G. WOLF

## Preceituário da Ortografia Nacional

POR

NOGUEIRA RIBEIRO

# EDITORIAL PEIXOTO, S. A.

## MATRIZ:

RUA ARAUJO PORTO ALEGRE, 56  
RIO DE JANEIRO

## FILIAIS:

SÃO PAULO: Av. Rangel Pestana, 265  
RIBEIRÃO PRETO: Rua Alvaro Cabral, 65-A

## ÚLTIMOS LIVROS LANÇADOS PELA EDITORIA "A NOITE"

JOSE MARIANO FILHO, *Ilustrações maciçamente na arquitetura literária brasileira* . . . Cr\$ 35,00

PEDRO CALMON, *História do Brasil na poesia do povo* . . . Cr\$ 15,00

MENOTTI DEL PICCHIA, *Salomé (Romance)* . . . Cr\$ 18,00

MENOTTI DEL PICCHIA, *Lata (Romance)* . . . Cr\$ 8,00

A. CARNEIRO LEAO, *Meus Heróis* Cr\$ 10,00

NOGUEIRA DA SILVA, *Gonçalves Dias e Castro Alves* . . . Cr\$ 8,00

JOAO DA COSTA PALMEIRA, *Epopeia Amazônica* . . . Cr\$ 10,00

DOMINGOS NEVES, *O Meu Secretário*, 13.ª edição! . . . Cr\$ 18,00

BARAO DO RIO FRANCO, *O Visconde Rio Branco* . . . Cr\$ 18,00

PAUL FRIECHAUER, *Os anos peritos da Inglaterra* . . . Cr\$ 25,00

CATULO DA PAIXAO CLARENSE, *Um Boêmio no Céu* Cr\$ 1,00

## A GUERRA E A SOCIEDADE INDUSTRIAL

por Peter F. Drucker

Não é um plano. Não é uma simples resenha histórica. Não é mero depoimento.

E' tudo isto e mais do que isto: é uma completa, perfeita, acabada e definitiva visão do que foi, é, e será, depois da Guerra, o mundo contemporâneo.

### INTERESSA ...

... industriais, operários, banqueiros, médicos, advogados, intelectuais, professores, homens de Estado, industriais ou comerciais... interessa ao "man-in-the-street"; aos contemplativos e aos homens de ação... interessa a todos os trabalhadores anônimos da paz universal.

Portuguesa tradução de  
EVALDO CORREIA LIMA

Não se trata de um panfleto, mas de uma informação honesta e segura sobre o conteúdo dos princípios em que repousa a sociedade moderna.

### E APAIXONA

Marx tomou dos economistas ortodoxos a assertão de que o homem é, no fundo, um animal econômico. Hitler afirma, com os biólogos e psicólogos, que o homem é, na essência, glândulas, heranças e impressões nervosas. Nenhum dos revolucionários acrescentou alguma coisa às criações fundamentais do racionalismo de seu tempo. Tudo o que fizeram... (Págs. 269 e segts.)

Um tema assinante, num livro sensacional, que a EPASA editou como uma contribuição de boa vontade, em prol de um mundo melhor. Todas as suas informações sobre a organização social do futuro são respostas nessa obra magistral de Peter F. Drucker, cujo extraordinário sucesso, nos Estados Unidos e na Inglaterra, prova a força de seus raciocínios e o poder de convicção de suas conclusões!

### A MAIS PALPITANTE EDIÇÃO EPASA PARA 1944 OBJETIVO! CLARO! SIMPLES! CABAL! ESCLARECEDOR!

A venda, a partir de hoje, em todas as Livrarias do Brasil — Preço: Cr\$ 20,00. Pedidos por reembolso postal à EPASA, — Avenida Rio Branco, 25 — Rio

A GUERRA E A SOCIEDADE INDUSTRIAL: um grande livro, para ler e guardar.

\*  
A venda em todas as livrarias. Os pedidos podem ser feitos diretamente à Editora "A Noite", Praça Mauá, 7-5.º andar



# Livrarias e Editoras

## Novidades e Antiguidades Bibliográficas

Livraria

### RIO DE JANEIRO BRASIL

Importador de livros indo-americanos. Literatura — Artes — Ciências — Sociologia — Filosofia — Itiomas — Finanças, etc. Acollam-se encomendas de quaisquer obras e façam-se remessas contra reembolso para todo país.

COTME	Primeros Ensayos	Cr\$ 40,00
GRIFFIN	Bibliografia del Estado Mo. Joven	45,00
MAYER	Trayectoria del Pensamiento Político	45,00
HELLER	Teoria del Estado	45,00
LASKI	Liberacion Europea	32,00
BURY	Historia de la Libertad de Pensamiento	16,00
CARLYLE	Liberidad Política	35,00
KRAENBERG	Teoria Política	30,00
HORNIG	Vitalité	30,00
LOCHE	Entregos sobre el Gobierno Civil	25,00
MILTON	Aeropagética	17,00
MCGRUE	Utopias del Renacimiento	2,00
BURKE	Teoria Política	30,00
HAMILTON	El Federalista	30,00
M. V. VARGAS	La Independencia Mexicana	12,00
SIERRA	Evolucion Política del Pueblo Mexicano	30,00
BROTHWELL	Historia del Histerismo	30,00
COOCHE	Historia a Historiadores	75,00
JAEGER	Palestina	73,00
MEINECKE	El Histerismo y su Causa	15,00
PIERRE	Historia de Europa	60,00
PIERRE	Historia de Francia	30,00
TREVELyan	Historia Política de Inglaterra	25,00
CUVILLIER	Prospectiva	24,00
A. MAUBLANC	Fouier	30,00
LUPPOY & J. LUC	Diderot	10,00
I & II	LAPEBURE	25,00
RAFFLES	Misiasch	24,00
RAFFLES	Historia de la Historia	20,00
EGO	Clement Marot	37,00
SMITH	Teoria de los Bentimencio	30,00
Moral	30,00	
MU. BERNI	Meditaciones Cartesianas	20,00
CASO	Meyerismo y la Poesia Moderna	15,00
SAMARA	Panelismo y Misticismo	15,00
ROBERTSON	Industria	10,00
BONAVIA	Economia de los trans-	30,00
DE ROCK	La Banca Central	45,00
CANNAN	Respostas a la Teoria Económica	60,00
PIRENNE	Historia Económica y Social	24,00
DOBB	Salarios	23,00
DAY	Historia del Comercio	37,00
STOLZER	Historia Económica de Alemania	30,00
CROCE	Historia como base de la Libertad	48,00
HENDERSON	Las Leyes de la Oferta y la Demanda	14,00
STRACHEY	Naturaleza de las Crises	14,00
LIT.	Sistema Nacional de Economía	35,00
PIGOU	Teoria y Realidad Económica	30,00
KRUGMAN	Teoria General de la Econ-	6,00
CHANDLER	Introducción a la Teoria Monetaria	18,00
DAUNDERS	Población Mundial	45,00
ELLISWORTH	Comercio Internacional	31,70
MOOVER	Economia Geográfica	31,00
KIMBALL	Economia Industrial	30,00
CROZIER	Economia Agrícola	42,00
LAURENBURG	Intervención del Estado	45,00
ROBINSON	Monopolio	22,00
ROLL	Historia de las Doctrinas Económicas	65,00
PUGLIESI	Instituciones de Derecho Financiero	38,00
WEBER	Historia Económica General	50,00
KELLY	Historia Económica de E. Unidos	111,00
HECKSCHER	La Época Mercantilista	35,70
MEINZEL	Introducción a la Sociología	38,00
TONNIES	Principios de Sociología	43,00
MEDINA	Sociología Teórica y Técnica	38,00
POVINA	Historia de la Sociología Latino-Americana	26,00
ROTHKOFF	Teoria del Derecho	58,70
CAILLON	El Hombre y lo Sagrado	22,00
LINTON	Estudo do Homem	75,00
BARTLETT	Propaganda Política	14,00
BENEDICT	Raza, Ciencia y Política	18,00
PRENANT	Raza y Racismo	13,00
BORKEAU	Paraiso	20,00
MARVIN	Comics	10,00
HOBSON	Velhos	32,00
ALLAN	Opiniões Universais	75,00
MANNHEIM	Identicopia y Utopia	75,00
MANNHEIM	—Liberal y Planificada	75,00
WEBER	Historia de la Cultura	75,00
GALERIA CRUZEIRO	Lojas 3, 4 e 7	75,00
	Tel. 22-4833 — 22-4700	
RUA DA CARIOCA	45 — 2.º andar	
	Tel. 22-2113	
SOLICITEM CATALOGO MENSAL DE NOVIDADES		

## OPORTUNIDADES BIBLIOGRÁFICAS

**Brasileiros:** OEUVRES COMPLETES produzidas por Emile Henriquez, 1921, 10 vols., Cr\$ 100 — Lord Byron: OEUVRES COMPLETES, traduzidas por Benjamim Larcher, 1881, 4 vols., Cr\$ 110 — Renard: OEUVRES COMPLETES, 1928, 3 vols., Cr\$ 100 — Flautarque: LES VIES DES HOMMES ILLUSTRES, traduzidas em francês por Nicard, 4 vols., enc., Cr\$ 100 — Jules Lemaitre: IMPRESSIONS DE THÉÂTRE, 18 vols., enc., Cr\$ 100 — H. Taine: HISTOIRE DE LA LITTÉRATURE ANGLAISE, 1891, 3 vols., enc., Cr\$ 100 — Henry Thoreau: HISTOIRE DE LA CIVILISATION EN ANGLETERRE, 1891, enc., 4 vols., Cr\$ 100 — Nomínes: HISTOIRE ROMAINE, enc., 7 vols., Cr\$ 100 — Edmundo Gibbon: HISTOIRE DE LA DECADÊNCIA ET DE LA CHUTE DE L'EMPIRE ROMAIN, 1855, 3 vols., enc., Cr\$ 100 — Ernest Zola: LES BOUGES-MACCOURT, 11 vols., enc., Cr\$ 100 — R. P. Rollin: MANUEL D'ECRITURE SAINTE, 1928, 3 vols., enc., Cr\$ 100 — Clávia Ribeiro: PRAGAS E BANDIDAS DO BRASIL, enc., Cr\$ 100 — Baptista Coelho: VOCABULARIO GUARANI, enc., Cr\$ 100 — Henri Purv: L'EMPIRE ROMAIN, enc., Cr\$ 100 — Schiller: OEUVRES DRAMATÍGICAS, trad. de Barata, 3 vols., enc., Cr\$ 100.

Atende a encomendas de Interessados pelo Serviço Postal de Encomendas

ANTONIO S. SANT'ANNA

LARGO DE S. FRANCISCO, 44, 1.º, SALA 2

(Início da rua Luiz de Camões)

TELEFONE 28-6182

SAIU O NÚMERO DE FEVEREIRO

## SÍNTSE

Como ganhei os meus primeiros dólares (Taylor Barnum) — Deus ajuda a quem... (Mark Twain) — O sonho deourado do Pan-gonio — A personalidade resida nos detalhes — Fim da Fuga (Lona de Somerset Maugham) — Como agredir os homens — A primeira revista carioca — Considerações sobre a arte (Alvaro) — Os detalhes nas novelas policiais — Libertação (Conto de Ivan Bunin, Prêmio Nobel de Literatura) — As peças de Shakespeare — Paul Duck, o novelista da América — Morrer é uma questão de coragem — O plano de Vitorino (Bernard Shaw e Wells) — A América foi visitada e povoada por migrações orientais — O ouro de Dom Quixote passa pelos países piratas e vendido como escravo — Como vive Alceste Huxley nos Estados Unidos — O drama de Marion Manas (Novela da Agata Cristie) — Orson Welles, seu audácia e seu gênio — Alphonse Daudet visto por Abel Hermann — A tutelação a serviço do medicina — Sir Ponce (Conto de Katherine Mansfield) — A luta de Sarmiento (José Lins do Rego) — Tradição e inovação de cultura (Edmundo Moniz) — A guerra de 1943 (Os principais acontecimentos em todos os frontes) — A Cruz da Legião do Honra é uma estrela — Figuras Continentais: Franklin Roosevelt (País de Mdeyros) — Uma usina na era do cobre — Thomas Mann (D'Almada Viteri) — O super-homem de Nietzsche (Heitor Moniz) — No Mundo Cine-matográfico — Lea este livro?

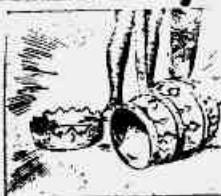
## LOGOSOFIA RAUMSOL

"O ensinamento logosófico tem repercussão imediata no destino do homem" — Raumsol.

Seja altruista consigo mesmo, dando à sua mente o alimento de que ela necessita  
PARA TODOS E AO ALCANCE DE TODOS

Visite a exposição das famosas obras de psicólogo RAUMSOL no Livraria Freitas Bastos (Largo da Carioca), em cujas vitrines e mostruários internos também encontrarão coleções completas do substancial Revista "LOGOSOFIA". Extensão seu aspirito e robusteza suas energias morais, mentais, espirituais, sob o color vivificante dos ensinamentos logosóficos. Literatura altamente positiva e construtiva. Além do tonificante, amente, formoso, repousante, é de real utilidade prática para a vida, propiciando a evolução consciente em todos os sentidos, e possibilitando, assim, a conquista de um bem-estar inestimável e duradouro.

PEÇA FOLHETOS



**FIM DA IDADE MÉDIA...** Século XV — As duas grandes potências mundiais da época - o Império e o Papado, cuja rivalidade pela conquista absoluta do Poder, encerrou toda a Idade Média, foram abaladas até os alicerces pelo aparecimento dos Príncipes Soberanos. O aumento crescente da população e o desenvolvimento do comércio e da indústria deram origem a violentos antagonismos entre a burguesia nascente e a aristocracia feudal. Surgiram as revoltas camponesas, estimuladas pelos Papas, ora pelos Reis, que se guerravam de todas as formas. O resultado foi a burguesia vencer a ambos, séculos depois.



**A ERA DAS UTOPIAS...** Séculos XVI e XVII — Esse período histórico notabilizou-se por um considerável desenvolvimento das ciências naturais e pelas grandes descobertas, enfim, nos domínios da razão e da moral. Tomás More, com a sua "Utopia"; Campanella, com "A Cidade do Sol"; e Bacon, com "Nova Atlântida", traduziram em escritos maravilhosos, o sentimento de ansiedade da época, por um mundo melhor, em que os homens pudessem viver como irmãos e iguais oportunidades fossem oferecidas a todos. Os intelectuais ingenuamente procuraram em sonhos e com apelos aos ricos melhores a sorte dos trabalhadores.



**A REVOLUÇÃO INDUSTRIAL NA INGLATERRA - Século XVII** — A revolução burguesa, iniciada em 1642, continuou a desenvolver-se até 1689, terminando pela sua vitória. A máquina a vapor e o tear transformaram a Inglaterra de país agrário em super-industrial. Os abundantes lucros obtidos não foram embolsados nem pelos inventores, sabios ou proletários, mas pelos comerciantes e banqueiros, que se utilizaram dos seus trabalhos. Homens, mulheres e crianças, desde 9 anos de idade, trabalhavam mais de 14 horas por dia e viviam na mais dolorosa miséria física e moral.



**CARLOS HALL, O TEÓRICO DA LUTA DE CLASSES - Séculos XVIII e XIX** — Dizia em "Os Efeitos da Civilização": "Os operários criam os **valores**, mas só recebem um salário. O **lucro** nasce justamente da **diferença entre o valor e o salário**". Esse lucro é repartido entre os grandes senhores de terra, os patriões e os comerciantes". Entretanto, Hall limita-se a apresentar propostas de reformas moderadas: nacionalização do solo, volta ao artesanato, simplicidade, sucessão do luxo, magnificência dos ricos para com os pobres, que trabalhavam 14 horas por dia e viviam na mais dolorosa miséria física e moral.



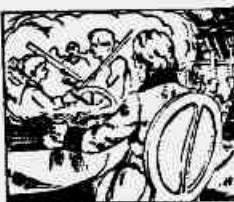
**DA TUTELA À LIBERDADE - Séculos XVIII e XIX** — A burguesia, em França, a partir do século XVII, e os membros das profissões liberais e as ligadas, começaram a reclamar intensa liberdade de ação. As idéias de que a introdução do Estado na vida econômica só era prejudicial, difundiu-se cada vez mais. Os camponeses reclamavam a confiscação, em proveito do povo, dos bens fabulosos do clero e da nobreza, supondo assim resolver os seus problemas. A **liberal democracia**, apoiada pela rica burguesia, cumpriu sua função histórica, permitindo grande surto de progresso.



**A REVOLUÇÃO FRANCESA - Século XVIII** — A ditadura patrício-burguesa, vencida, com Robespierre à frente, em pouco foi substituída pela Diretoria. As reivindicações proletárias foram para logo despedidas. Intelectuais revolucionários apoiavam Robespierre, supondo ser a **democracia** bom meio para se chegar à igualdade econômica. "Da democracia ao socialismo, através da ditadura", tal era a palavra de ordem. Foi a primeira vez, praticamente, que os proletários lutaram pela conquista do Poder. Mal preparados, sem chefes capazes, fracassaram.



**O MOVIMENTO DOS LUDISTAS - Século XIX** — A partir do século XVIII, a máquina criou a grande indústria e, por consequência, o capitalismo. Todos perceberam que a máquina está realizando a maior das revoluções e cavando um abismo entre os pobres e os ricos. O proletariado, que cada vez mais miserável se tornava, enquanto mais ricos ficavam os donos das máquinas, começou a pregar: "Deixaremos esses monstros (máquinas), antes que se tornem mais numerosos! Se eles se multiplicarem, farão de nós os animais escravos!" Surgiram assim os "ludistas" ou destruidores de máquinas. Acabaram na forca!



**SOCIALISMO NA INGLATERRA - Século XIX** — Com Roberto Owen começaram na Inglaterra a história do socialismo moderno. Foi Owen o primeiro crítico social que, antes de todos os economistas e políticos burgueses, compreendeu o significado da revolução industrial e procurou os meios de pôr as conquistas dessa revolução a serviço do progresso social. Grande industrial, defendeu, em 1800, que os menores de 10 anos não deveriam ser admitidos nas fábricas; facilidade do ensino para os pobres; higienização dos locais de trabalho (eram verdadeiros soturnos); a fundação de caixas de previdência para assistência médica e amparo à velhice, bem como ao desemprego; por sinal, a máquina só proporcionou riquezas crescentes aos capitalistas e desemprego, menores salários e miséria para o proletariado.



**CARLOS MARX - 1818 a 1883 - DA LIGA DOS JUSTOS A LIGA DOS COMUNISTAS - Século XIX** — Enquanto, na Alemanha, procuravam propagar as idéias do socialismo francês e criar uma base filosófica para o socialismo alemão, Carlos Marx, em Paris, elaborava a sua doutrina, que logo iria eliminar todas as outras e tornar-se patrimônio comum de todos os socialistas. Antes de Marx, o proletariado era explorado pela Igreja e quem escrevia em estilo bíblico a favor da democracia e da justiça social. Foi ele o autor da célebre frase: "Proletariado de todo o mundo, uni-vos". A Liga mantinha ativo contacto com as associações filhas e assembleias das, acompanhando atentamente os progressos das idéias socialistas e novas concepções suscitadas por Marx e Engels. Dentre da Liga fundaram-se filhas do socialismo utópico e do socialismo científico. Terminou por se transformar em Liga dos Comunistas, tendo Marx e Engels, então para já o Manifesto Comunista, tão famoso,



**ERA IMPERIALISTA - Séculos XIX e XX** — A riqueza foi se acumulando nos mãos de um número cada vez menor de indivíduos, que passaram a dominar o mundo e a explorá-lo em seu proveito exclusivo. A máquina substitui cada vez mais o proletariado. Isso desemprega. A concorrência determina a ampliação das empresas, que se transformam em trusts e cartéis, além de obterem maiores lucros com a produção em massa, com o qual não pode concorrer o pequeno fabricante. Sendo o lucro em umidade pequeno, é preciso conquistar-se mercados exteriores para aumentar a quantidade vendida. Esta expansão "conquistaria pacífica" dos países, exige grandes conquistas nacionais e armamentos para proteger os capitais na luta contra o concorrente dos países rivais. Surgem as crises periódicas, e, por consequência, as guerras.



**1.º e 2.º INTERNACIONAIS - Séculos XIX e XX** — Na 1.ª International, Marx redigiu o manifesto — "Mensagem Inaugural" — onde expunha as idéias fundamentais: organização do proletariado em partido de classe, luta pela legislação social, criação de cooperativas operárias, luta contra a diplomacia secreta, união de todos os proletários do mundo e libertação econômica da classe proletária. Na 2.ª International, o único resultado positivo foi a expulsão dos anarquistas do seu meio. A imensa maioria do congresso defendia a tese: "Não trairemos nem a pátria e nem o socialismo". Esse Congresso fiasca, por não poder eliminar a contradição resultante do seguinte fato: — enquanto existem propriedade privada, capitalismo e opressão, os objetivos do socialismo não poderão ser compreendidos pelas massas.



**PROGRESSO DO MOVIMENTO SOCIALISTA NO MUNDO - Séculos XIX e XX** — O progresso do movimento socialista no mundo tem sido notável. Reduzido é o número de países em que as classes proletárias não estavam organizadas e lutando pela melhoria das condições de vida. Até mesmo no Japão o movimento socialista merece atenção... Lá existiu o Partido Social-Democrata, fundado em 1901, e que orientava as massas trabalhadoras japonesas. Em 1910, vários dirigentes socialistas foram condenados à morte e executados sob a acusação de prepararem um atentado contra a vida do Imperador. Prestaram sensibilidades aos usados em toda a parte para salvá-los as revindicações proletárias. Com o advento de um governo fascista, as associações proletárias japonesas foram extintas baseada na lei, e as massas trabalhadoras retrogradaram à escravidão.



**O GOVERNO SOCIALISTA DE VARGAS - Capítulo a escrever-se — Antes de 1930, os governantes consideravam as revindicações proletárias como um caso de Polícia. Depois, Vargas iniciou a sua revolução branca, social. O trabalhador, que obteve 8 horas de trabalho: passou a ter também férias remuneradas, aposentadoria e amparo à velhice, abono de família, estabilidade no emprego, creches nas fábricas, amparo à maternidade, restaurante-fábrica, higiene completa nos locais de trabalho, sindicalização, salário mínimo, proibição do trabalho de menores de 16 anos, etc. Vargas, segura e evolutivamente, vai cumprindo o seu objetivo: os interesses da coletividade prevalecerão sobre os individuais. Sem choques e eliminando os abusos decorrentes das desqualificações econômicas e sociais imperialistas, Vargas prepara o Brasil para os tumultuosos dias que virão.**

tem virtudes novas, ou com mais tristeza poetas em destaque; o respeito ritual pelo documento; a facilidade de verificação das origens; o agrupamento filosófico das sucessões; as correntes formadoras do determinismo econômico e dos conceitos espirituais; a unidade mais precisa dos fatos; a ampliação do estudo devotado; a pesquisa de depoimentos mais abundantes e mais seguras; o interesse pessoal da psicologia; o apuro na preocupação de narrar e nomear de provar; a mais absoluta probabilidade no citar e no concluir; a redação "sua ira se suaviza".

O "Capítulo de História Colonial", já são, e cada vez mais constitutivo motivo de orientação histórica, de beleza literária e de crítica construtora. E há tantos outros, filhos do mesmo esforço superior...

As soluções de tanto enigma histórico do nosso país, o descobrimento e a divulgação de obras primas esquecidas ou insuficientemente aproveitadas, a coordenação de pesquisas e a convergência delas, obedecem ao critério novo do espírito nádeador e claro do grande morto, a seu poder de evocação de ambientes. A rocke impenso e altruísta de auxiliar e sugerir colaborações restritas, não reservando nunca para si, antes com todos primituindo as riquezas que havia colhido.

E ali fulguram "Materiais e achados para a história e geografia do Brasil", "Frei Vicente do Salvador", a tradução do livro de Robert Smith, as desifradas da autoria das narrativas de Fernão Cardim, de Ambrósio Fernandes Rondon, de Antônio Andrade, e tantas e tantas mais, obras cujo longo enumeração não cabe nesta resumida e imperfeita revista. Fazia, a lista das publicações sobre descobrimento e período colonial.

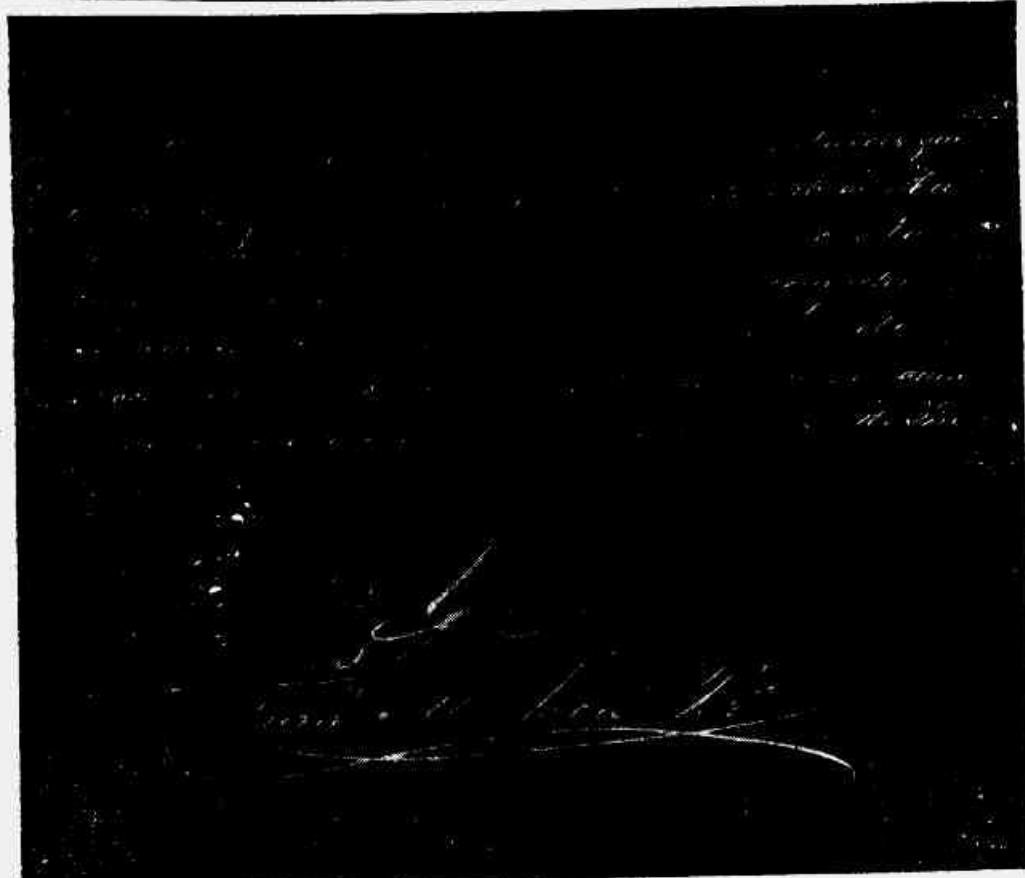
Foi o cômputo dos escritos, e esta vai ser a tarefa da recentemente fundada "Sociedade Capistrano de Abreu"; se verá quão vasto foi seu influjo e a injustiça de lenda que corre sobre excessos e dispersividade de sua produção literária.

Talvez o afetuoso reparo, homenagem, entretanto, à excepcionável valia do autor, se transforme em elogio máximo, por entanto se lhe revelarem a unidade de pensamento, o constante progresso, o alentado volume, a insuperada beleza e prodigiosa ciência. E, contudo, tais a inteligência e os conhecimentos do sábio, que, ainda assim, nos lastimaremos não tivesse sido, para proveito geral, dez vezes maior o legado espiritual.

Nada quis ser senão o que foi: um cérebro pensante, uma alma cheia de ternura. Nisse havia tanto seu tesouro, ai demorava tanto coração, no perfeito dizer do Firmão da Montanha.

Para que e por que dispersava energias e tempo em correr atrás de futil e insignificante validades em giroboles? Quão inutil, também! A seu modo, cumpria sua missão de servir a seus semelhantes, puderdes mente e à sombra de seu velho modestia.

**A ÚLTIMA MANIFESTAÇÃO**  
De há muito, cabiam família e amigos seu horror às pompas e à ostentação. Exigia sempre enterro de última classe e, até, cova



Documento da nomeação de Capistrano de Abreu para oficial da Biblioteca Nacional.

raza. Pareceu mais estrita obediência a seus sentimentos paternos juntar seus despojos mortais ao do filho querido, Fernando, cujo falecimento prematuro tanto o havia feito sofrer; por esse motivo, alterou-se neste ponto a perfeita conformidade com o que havia determinado. Mas, quanto à outra disposição, foi religiosamente cumprida, e em carreira fúnebre de indigente seguiria o corpo para o Campo Santo.

Quando, milares insôniais da aflição... sem concerto, sem premeditação, sem sequer se ter nisto pensado, a humilhante cerimônia se transformou em apoteose ao amigo, ao sábio, ao justo,

Quinze dias estivera doente e relativamente pouca gente havia sabido do combate travado com a pacificadora das lutas humanas. Inda assim, eram contínuas as visitas. Não desenharia o porão paupérrimo onde se fazendo, entre seus constantes amigos — homens e livros, esse gigante da inteligência e da bondade.

Nunca o abandonaram as nobres e altas e puras dedicações femininas que em vida soubera conquistar. Ali, muitas vezes por dia, se encontravam os mais ilustres representantes do que o Brasil possue de melhor em todos os seus círculos. Não se divulgava a morte, nem por boletins nos jornais e, entretanto, algumas centenas de pessoas acotov-

lavam-se, em derradeira homenagem a esse homem que nada fora na escala dos féticos valores sociais.

Pobre, simples professor, nunca dispusera de poder ou influência. Limitava-se a ser um bom e um desprendido. Mas, patrava bem alto, serena irradiacão intelectual a guiar discípulos nas pesquisas a bem do Brasil. Mestre: intimos rememorando as expansões de sua intimidade — todos, quiseram levar a restos queridos ao cemitério como uma demonstração última, angela e augusta, de inmarcessível saudade.

E pelas ruas desfilou estranho prêstico. Centenas de pessoas de todas as raças, de ambos os

pobres e mesquinhos exequias — no mesmo luto e no mesmo respeito, olhos rasos de lágrimas, foram carregando à mão, reverando o esqueleto de pobre em que repousava o grande brasileiro.

De dor e de tristeza o ambiente, é certo. Mas o alvo de tão tocante e exaltada manifestação de carinho, era um Triunfador.

Venceu o egoísmo, com seu exemplo de vida modesta e votada ao serviço do Brasil. Venceu a riqueza, fazendo mais de que ela. Venceu a ignorância, alargando o âmbito do pensamento humano.

Venceu a indiferença das massas, impondo-se "maestro de color que sanno".

Venceu a própria, pois sua memória e o paradigma de sua atividade espiritual inspiraram a discípulos e continuadores o comando de esforços, afim de se lhe prolongar tempo a fôrça e influência na formação moral e mental da terra que ele tanto havia amado.

E, nessa atmosfera religiosa de saudade, de admiração, de misericórdia e de efeto, partiu para o desconhecido a grande alma, bondosa e pura, sincera e heroica, de Capistrano de Abreu.

## ESTUDOS SOBRE CAPISTRANO DE ABREU

(Continua na pag. 70)

em geral, terrível na sua quintaessência venenosa.

Quissem como ele parecia um inôcio que houvesse poluírido a civilização e subido à tons da nossa cultura, com arco e flecha, semi-nú e indomável.

Lia e estudava em todas as grandes línguas cultas e deletrava as selvagens com o mesmo intenso amor.

Nunca, porém, conseguia levar a cabo o que principiava. As primeiras impressões bastavam-lhe, e assim, deixava-as ficar nas primeiras páginas do livro que não escrevia porque, naturalmente, achava curta a vida, e longa a arte.

Todo o seu saber desaparece agora, a maior parte inédita, dentro de si sem exterioridade a não que, escaparam à sua negligente modestia.

No convívio das suas discípulos e amigos, repartiu o tesouro de experiência e de saber.

Uma vez, há muito tempo, perguntel-lhe por que não lia menos e não escrevia mais. Respondeu-me que havia já quem escrevesse de mais, lendo muito menos.

Senti o remoque que não vinha a mim reconhecendo a necessidade do equilíbrio entre os tarefas e os silêncios. Nesse tempo eu escrevia pouco. Contudo, lastimo que ele não quisesse escrever a nossa história e só ele poderia fazê-lo com autoridade. Fez, todavia, muito.

Devia ser hoje um dia de luto nacional.

| "Jornal do Brasil" — 14-8-1937.

(1) — J. Capistrano de Abreu — O Descobrimento do Brasil — Rio. Sociedade Capistrano de Abreu — Anuário do Brasil.



Outro retrato de Capistrano de Abreu nos últimos tempos

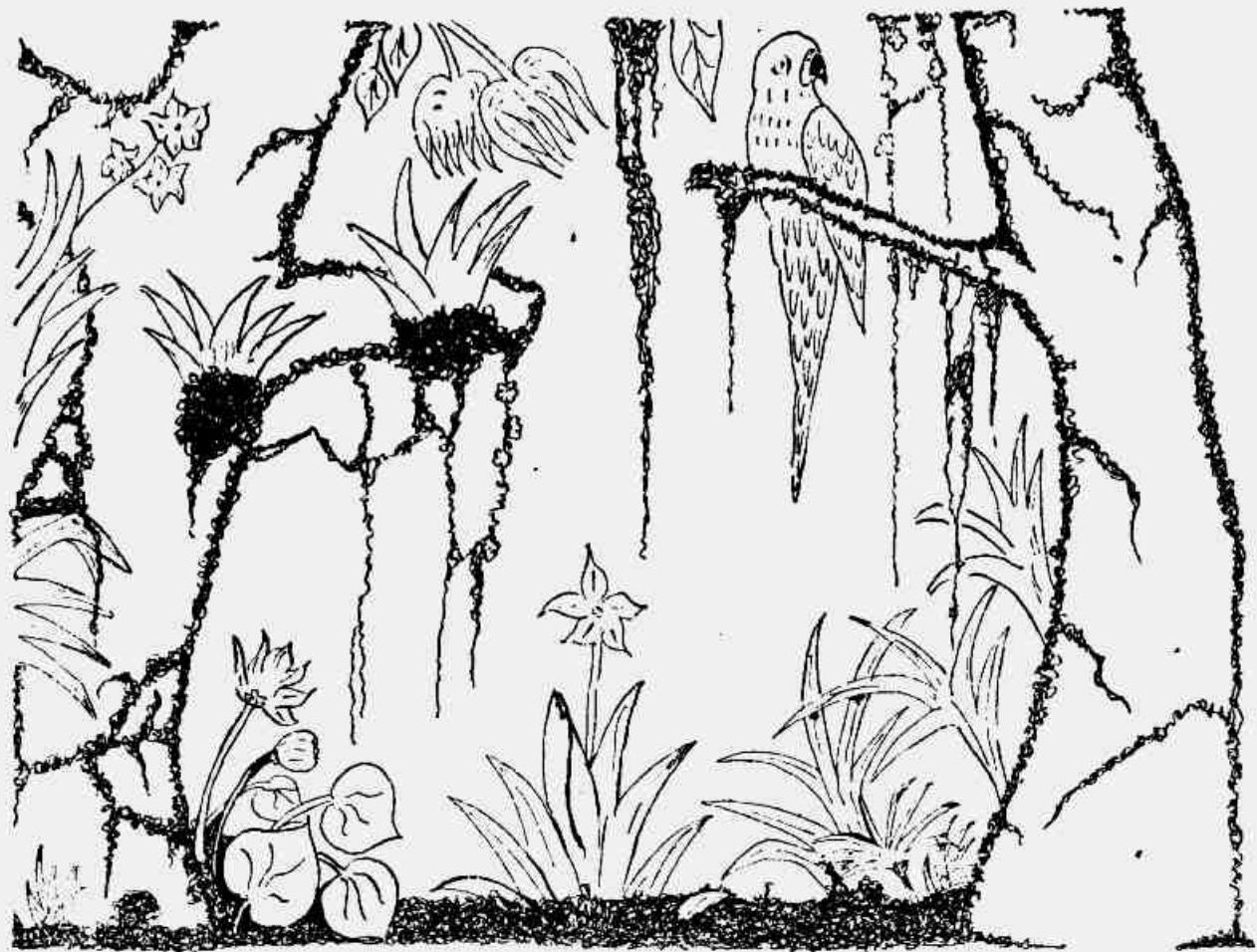
## O DESCOBRIMENTO DO BRASIL

(Continuação da pag. 72)

perguntei se conviria mandar a ci-ri o novo do achamento da terra pelo navio de mantimento para o s. a. a mandar descobrir. Concordaram que sim. Os dias seguintes passaram-se na beldade dos gêneros e na lazerança de uma cruz para avivar a posse tomada em nome da coroa de Portugal.

A cruz foi chantada a 1 de maio; a 2, partiram o navio mandando ao Reino e a poderosa frota para a Índia, deixando lacrimosos dois degredados incumbidos de inquirirem da terra e irem apreendendo a língua. Alguns marujos cesariam segundo parecer.

*Capítulos de História Colonial — M. Orozco & C., Impresores — 1907.*



Nils KAUFMANN.

## Uma aula de desenho, dada por Guignard

Os dois desenhos que publicamos hoje nesta página é na página em frente, representam uma aula dada por mestre Guignard. Há algum tempo,

Nils Kaufmann, um dos mais jovens alunos de Guignard, fez um desenho, intitulado em muitos tropicais — uma paisagem em que havia um papagaio, plantas exóticas tropicais coloridas de amarelo, Guignard nomeou-lhe trabalho, levou-o consigo, completou-o. Deixou assim, no seu gabinete, uma lição de sua arte.

Tivemos o costume de acompanhar o caro trabalho. Fizemos, então, greve lá em suas duas lições, — a primeira da traição, sim, de Nils Kaufmann, e a segunda, já encerrada, já completa por Guignard. Aqui vão reproduzidas as duas, para o estudo dos entusiastas.

Para ilustrar essa demonstração, o professor de desenho, Guignard, interrogou entre si Professor e Aluno, o diálogo que aqui reproduzimos:

*Professor* — Vamos lá! Pode verão ao lado de outras cores de couves-flores?

Mas, para que copiar o que enhou, se você já mostra tanto sensibilidade para desenhar? O que é preciso é desenhar mais, entendem?

*Aluno* — E, nos meus desenhos que já estão, acha que se notam muitas imperfeições?

*Professor* — Elas provêm sensibilidade e vontade de se aperfeiçoar. Mas, talvez, a sensibildade, falta-lhes vida, faltas-lhes ar.

*Aluno* — Será melhor para mim desistir, então?

*Professor* — Longe disso. O que é preciso é ter calma, esperar que venha frutificar o que você está aprendendo. Para que pressa?

*Aluno* — E, enquanto espero, que devo fazer?

*Professor* — Deve só tudo observar as coisas e a vida.

E para como é a paisagem tropical, que você quer reproduzir em seus desenhos. Veja, então, o sol, ela da luz e da vida. Observe bem; não parece que está vindo um montão de com-

*Aluno* — Tenho, repetido, ciúmes de notar e de ouvir, tem tem talento para desenhar e a profissão que todo mundo vai a escola para aprender a ler e a escrever, e sei de lá saíndo, o que é isso?

*Professor* — Com efeito. *Professor* — De forma ne-

quando, em desenhar, faz como ilumina. E esse é o maior im-

portante trazendo no papel as das principais. Faz as

mais sortes de cores. Sólo para suas copias do natural, ou se

que é a matéria que a luz, que papéis, incide sobre suas cores. Mas

ainda, possa iluminar no papel a sua copia de gravuras.

*Aluno* — Uma última per-

*Aluno* — E por que meus muitos professores — acharam eu

preciso para os desenhos, essa tendo algum talento para o des-

enho?

*Professor* — É porque, sen-

do brancas e aletras como são, essas folhas de papel ficam im-

ediatamente iluminadas. Parecem

projetar luz, parecem dar ar ao

desenho.

*Aluno* — Acha mal que eu fa-

ça meus exercícios?

*Professor* — Pois que dis-

se! O exercício continua faz-

endo mestre. Veja como aprendeu um aluno de piano. É incrível o exercício que ele tem de

fazer: do, ré, mi, fa, sol.

— No desenho é a mesma cos-

ta, só tem que, em vez de exer-

cer, repetido, ciúmes de notar e de ouvir, tem tem talento para desenhar e a profissão que todo mundo vai a escola para aprender a ler e a escrever, e sei de lá saíndo, o que é isso?

*Aluno* — Ah! Portanto não há necessi-

de maior em que você também a renda...

*Aluno* — Ahn...!

*Professor* — Ahn... a con-

clusão de tudo é essa mesma: continue a trabalhar, trabalhe

incessantemente... O resto —

aprendizamento no talento, per-

feição na arte, beleza e valor no

trabalho — virá depois...

### A M E U P A I

Foste tu, caro pai, que do seio do Eterno  
Me arrancaste e trincaste a este mundo, a esta vida...  
Quando eu desabruhei, qual flor, recentemente,  
O sol que me aqueceu foi teu amor paterno.

Teu sambuca e o sambuque meu... Teu trabalho supremo  
Ganhaste-me o pão com que eu cresci e fui nutrida.  
Ah! Quantas tu queres! Quanta dor! Quanta felicidade!  
Desde o cahir do estio aos gelos do teu inverno...

E agora da-me a tua... E' noite. Vem consigo  
Vem, que eu te elevaro a Jesus, tem Amigo,  
Que te espera saudoso... Oh! Dize-me que sunt!

Foste meu pai, e eu tua mãe seret agora:  
Diz-te-ei a eterna Luz, de que me esteve a aurora;  
Diz-te-ei, por esta vida a vida que é sem fim!

Honorina de Abreu



Nils KAUPMANN

## Palavras que enganam o tradutor de inglês

Os tradutores de inglês encontram sempre certas palavras que, pela sua semelhança com outras de suas línguas, parecem ter um determinado sentido. Na verdade, querem dizer coisa completamente diferente e nem sempre os dicionários os ajudam a resolver o problema. No seu livro "Aids to the Study of English", o matemático britânico Miss Hull, ensinadora de Inglês e Literatura Inglesa na Faculdade Nacional de Filosofia, inscreve um capítulo interessantíssimo a respeito dos "Catchy cognates or Deceptive Doubts". Com a devida vinda, publicarei, a partir de hoje, o referido capítulo, de grande interesse para os estudantes das línguas inglesas.

### CATCHY COGNATES OR DECEPTIVE DOUBTS

- 1 — abuse: To misuse, offend, take undue advantage of; P. agrovilhar, explorar.  
abuse: usar mal, prevalecer-se de alguém ou de alguma coisa.  
Exceção: E to go too far, enganar, deshonrar, violar.
- 2 — actual, actually: Real, in reality, even; P. na verdade, ab.  
actual, atualmente: Presente, presentemente; E. at present.
- 3 — Advise.
- 4 — Advise.
- 5 — afflornce: Wealth, riches; P. riqueza, conforto.  
Afflornce: Abundância, convergência; P. abundância, convergência, concorrência, concorrência da pessoa.
- 6 — affluent: Adj) wealthy, rich; P. abastado, rico.  
affluent: Rio que desagua noutro; E. the same or 2º only.
- 7 — assist: To help, aid; P. auxiliar, ajudar, socorrer.  
assista: Presenciar || tratar; E. witness, be present at.
- 8 — assumption: 1) Theory or fact taken for granted; P. suposição.  
2) act of taking over duty.
- 9 — assunção: 1) Elevação (especialmente da Virgem Maria ao céu).  
2) ato de assumir.
- 10 — attempt: Endeavour; P. tentativa.

- 11 — balance: 1) Equilibrium; P. equilíbrio —  
2) pair of scales; P. balança —  
3) remainder of account; P. saldo.  
balance: Instrumento destinado a determinar o peso relativo dos corpos ||  
balance: Movimento oscilatório, aparelho de diversão para crianças, 2. equilíbrio || verificação de contas comerciais, sacudidela, solvâncio ||
- 12 — candid: Frank; P. franc.
- 13 — candour: Frankness; P. franqueza.  
Candura: Pureza, inocência || E. innocence alvura || ingenuidade;
- 14 — casualty: 1) Soldier wounded or killed; P. baixa.  
2) accident.  
casualidad: Acaso, o que é fortuito; E. fortuitousness  
eventualidade, contingência.
- 15 — character: 1) Mental and moral nature, P. caráter, —  
2) personage in drama.  
character: natureza mental e moral.
- 16 — chemist: 1) Apothecary; P. farmacêutico —  
2) analytical chemist.  
químico: perito em química; P. analytical chemist.
- 17 — claim: Aspire to, assert rights, etc.; P. reclamar.  
clamar: Pedir em voz alta || gritar, bradar; E. shout for.  
protestar publicamente, vociferar || implorar || reclamar ||
- 18 — commitment: Engagement; P. compromisso, comprometimento; Empresa arrojada, façanha; E.feat.
- 19 — commodity: Ware, article of commerce; P. mercadoria, utilidade.  
comodidade: Bem-estar || o que é cômodo || E. convenience.
- 20 — compact: Agreement; P. ajuste, pacto.  
compacto: espesso, comprimido, denso; E. condensed, terse, compact.
- 21 — compromise: Adjustment by mutual concessions; P. conciliação, transação, acordo.  
compromisso: Obrigação ou promessa mala ou menor solene; || E. solemn engagement, vow.
- 22 — compromising: Bringing under suspicion by indiscretion; P. comprometer.  
compromissório: Havendo compromisso; E. binding.
- 23 — conceit: Vanity, fanciful notion (archaic); euphemism; P. convencimento, gongismo.  
conceito: Idéia, || opinião, || reputação ||; E. notion, repete.  
sentença, máxima || parte de uma charada em que se define a palavra inteira ||
- 24 — conceited: Vain; P. convencido, preso, empânia.  
conceitado: Considerado || E. esteemed, of good repute.  
que tem reputação (boa ou má) ||
- 25 — condescending: Patronizing; P. de modo superior, do cima para baixo.  
condecedente: Transigente; E. given to compromise or ready to.
- 26 — conform: Comply with; P. cumprir, adaptar-se a.  
conformar-se: Reduzir-se; E. resign oneself to.  
condeceder;
- 27 — Constrained.
- 28 — consume: Use up, eat, etc.; P. comer, usar.  
consumir: Gastar || enfraquecer || E. waste, weaken.  
afogar || curir || empregar ou dedicar intensamente; ||
- 29 — contemplate: Gaze upon, meditate; P. olhar atentamente, meditar.  
contemplar: 1) Fazer os olhos, || meditar || Confessar alguma coisa .
- 30 — convenient: Suitable, not troublesome; P. comodo.  
conveniente: Decente || útil || que convém; E. expedient, seemly, proper.

# A POETICA DE GONÇALVES

UEIRO começar estas notas sobre a poética de Gonçalves Dias confessando um perigo literário: o de se ultimately ser iluso e "Petit Traité de Poésie Française" de Banville. Não é lera antea porque quando eu lia títulos os meus demônios sussurravam-me que eu citado por um crítico brasileiro o famoso capítulo das licenças poéticas. "Licences poétiques. Il n'y en a pas". Quem me reconciliou com Banville — não com o Banville poeta, cuja "Ballade de ses regrets pour l'an mil huit cent trente" eu sabia de cor:

O Poète, à ma mère mourante,  
Quand les flots l'avaient d'un grand coup  
Duis ne Paris, ou l'en sort tout son mal.

— quem me reconciliou com o Banville, legislador do Parnaso foi Gide ao descrever numa introdução a Ronsard, escrita pelo autor das "Trente-six Ballades Joyeuses", para a grande antologia dos "Poètes Français", esta definição da moderna da poesia: "... cette magie, qui consiste à éveiller des sensations à l'aide d'une combinação de sons... cette sorcellerie gracie à laquelle des idées nous sont nécessairement communiquées, d'une manière certaine, par des mots qui cependant ne les expriment pas". Essa definição é os comentários que sobre ela escreveu Gide no primeiro número da revista "Lettres Françaises" levaram-me a ler o "Petit Traité", onde aliás encontrei estas linhas igualmente luminosas: "La poésie a pour but de faire passer des impressions dans l'âme du lecteur et de susciter des images dans son esprit" — mas não passem em descrevendo as impressões e as imagens. C'est par un ordre de moyens beaucoup plus compliqués et mystérieux".

Li o preciosíssimo livrinho e verifiquei que ele não foi feito para ensinar verificação aos verdadeiros poetas. "Un grand poète, un poète quelconque même fait ce qu'il veut et ce que son inspiration lui dicte". Era o grande Banville o Banville tão prensado de Mallarmé, o Banville que Gide chamou "est riche charmant, un peu gêneilleur, mais dont la moquerie même garde quelque chose d'ailé". O Petit Traité foi escrito para quem, não tendo nascido poeta, deseja entretanto fazer versos passáveis. Para esses, naturalmente, as licenças poéticas não devem existir, como para quem não nascido escritor não devem existir tão pouco as licenças de linguagem. As regras de versificação e as regras de gramática são coisas excelentes, desde que se ressalte aos mestres o direito de as violar, porque, como disse um homem que nada tem de revolucionário, o nábil e sóbrio professor Sousa da Silveira, "o senso natural dos verdadeiros poetas vale mais do que todas as regras, sete da Versificação, sejam de Gramática". Existe uma ordem na natureza a que todos nós obedeçemos mas o Deus que a criou pode suspender-la no milagre: igual licença desfrutam os grandes poetas no pequeno universo de sua criação.

Nesse espírito é que devemos ler o notável Gonçalves Dias. Logo nas primeiras linhas do seu prefácio aos "Primeiros Cantos" escreveu ele da sua composição: "Muitas delas não tem uniformidade nas estrofes, porque menoscapa regras de mera convenção; adotem todos os ritmos da metrificação portuguesa, e usei deles como me pareceram quadrar melhor com o que eu pretendia exprimir". E dois anos depois, no prólogo aos "Segundos Cantos": "E' ainda o mesmo estilo, — o pensamento dominando em todo o verso, mas que seja menoscipada a metrificação, — e a rima, que naturalmente se lhe sujeita, — e o metro, que se dobra em todos os sentidos, — e o verso, que se acomoda a todos os tons, como instrumento harmonioso, que sempre agrada, mesmo tangendo por maiores inexperientes".

A poética de Gonçalves Dias se baseia nos apolos ritmicos tradicionais da poesia em nosso idioma: o número de sílabas com as suas pausas, as rimas, a alteração, que em suma não é mais que ritmo de fône-mas iniciais, o encadeamento e o paralelismo. De todos esses recursos, porém, usou dentro da grande tradição peninsular, de que nos afastaram os poetas influenciados pela rigida tradição francesa malheriana os arcádios, Castilho, que afinal era um arcádio, e os parnasianos.

Há na primeira edição dos "Últimos Cantos" um poema intitulado "A tempestade", que, não sabemos porque, foi suprimido pelo poeta na edição de Leipzig. Apresenta ele a curiosidade de variar a medida de estrofe, a qual passa de verso de duas sílabas na primeira até o de onze na décima e undécima, para decrescer e tornar-se de duas sílabas na última. Parece ter querido o poeta limitar assim nos ritmos a aproximação gradativa da tempestade, cuja maior fúria estoura na décima estrofe, inata no seguinte, e em seguida se vai distanciando pouco a pouco. Prita Ackermann, em sua tese "A Obra Poética de Gonçalves Dias", anotou que os versos da "Tempestade" dos "Últimos Cantos" são, na sua estrutura métrica, uma imitação do poema "Les Djinnes", de Victor Hugo. Prefiro acreditar que o modelo de Gonçalves Dias foi Espronceda, em cujo "Estudante de Salamanca", parte IV, aparece uma sequência de estrofes que vão do metro de uma sílaba até ao de onze, decrescendo após ao de uma.

"A tempestade" compõe as medidas empregadas pelo poeta nos "Cantos". Adviria-se, porém, o seguinte: esporadicamente, no poema "A vida mal-dita", aparece um alexandrino. Descreve o poeta a destruição da vila pelo fogo:

No horizonte, abolido os rostos,  
Fogueira pirâmides de atraços ardendo,  
Fumosa vila sua taberna,  
Trêmula é o céu de fúnera e dor de morte,  
Sangue de luto de sangue e dor de morte.

E agora o alexandrino excepcional:

— O é da arta, fome e dor, e a fome dor.

Alexandrino extraordinariamente expressivo. Pela quebra da medida e bamboleio do ritmo, da confusão que se queria evocar.

Adviria-se ainda que só nesse poema se serviu o poeta do octosílabo, não com a pausa na quarta sílaba, mas com pausas na segunda e na quinta sílabas, com ritmo sensivelmente igual no dos versos de nove sílabas:

Sóis como sorrateiros que o São  
Sóis como escravos, — solteiros.  
As mudas e sanguinhas, paixões.  
Baleadas se festejou aí.

No poema "A desordem de Caxias", que vem na primeira edição dos "Segundos Cantos" e foi excluído na edição de Leipzig, há dois versos que, se considerados isoladamente, seriam alexandrinos à espanhola, isto é, sem a cesura mediana:

E a saudação respondeu na recta concordia  
O meu lindo marido não teme vós!

Mas relacionado ao verso anterior, onde se anseava a vogal inicial, caem dentro da medida e do ritmo dos versos de nove sílabas:

Possam viver recordando-se de mim,  
E a saudade respondeu na recta concordia.  
Come hei de seguir-vos no viver concordia,  
O meu lindo marido não teme vós!

Na tradução da "Noiva de Messina", há vários alexandrinos esporádicos:

Vida e glória de meu que me passou a fuga...  
Melhor só de informar-lá. E' de novo l'ame.

Alguns também nas poesias póstumas. Em "Oví" que acordar?:

Este para dormir, este acordar vos amais...  
Come vida sozinha, como que trouxe a fuga...

Não valem, porém, esses exemplos, porque não servem ao critério na forma definitiva que lhes dará o poeta.

Se considerarmos a obra publicada em vida e em livro pelo poeta, mas com exclusão dos "Timbreiros" e das traduções, verificaremos que nos "Primeiros", "Segundos" e "Últimos Cantos", primeira edição, e nos "Novos Cantos" há, num total de 142 poemas, 78 poemas em que variam os metros e muitas vezes as estrofes: versos de 7 e 10 sílabas ("O canto do índio", "O trovador"); de 8 e 10 ("Caxias", "Deserto", "Delírio", "Sofrimento", "O vate", "A morte prematura" ...); "O orgulhoso", "O cometa", "Quadras da minha vida", "O mar", "Idéia de Deus", "Ao aniversário" ...; "Penitência", "As duas amigas", "A virgem", "Canto inaugural", "Tabira", dedicatória, "A noite", "A tempestade" dos Segundos Cantos, "O homem forte", "Espera", "A saudade", "Não me deixes", "Zulmira", "O que mais dói na vida", "Protesto", "A tua ansa", "Desalento", "A nuvem dofrada"; de 3 e 7 ("A leviana", "Inocência", "Rosa no mar", "Mimosas e bela", "Angelina", "A pastora"); de 4 e 10 ("A escrava", "Lira", "Agora e sempre", "A um poeta exilado", "Quando nas horas" ...); de 9 e 10 ("Queixumes", "A infância"); de 5, 7 e 11 ("O gigante de pedra"); de 4, 7 e 11 ("A mãe dágua"); de 6, 7 e 10 ("Passamento", "O romper d'alva", "Como eu te amo", "Retratação", "O clímax", "Agar no deserto"); de 6, 10 e 11 ("Morro do Alecrim"); de 3, 4 e 7 ("Olhos verdes"); de 7, 10 e 11 ("Neném"); de 5, 10 e 11 ("Cumprimento de um voto"); de 4, 6 e 10 ("Triste do trovador", "Meu anjo, escuta", "O balle"); de 4, 6, 7 e 10 ("Vérité e modicidade"); de 6, 7, 9 e 10 ("A minha muça", "Viado IV"); de 4, 6, 8 e 10 ("O desenquanto", "A vila maldita"); de 5, 6, 7, e 10 ("Minha vida e meus amores", "Sonho de virgem"); de 5, 7, 10 e 11 ("A mendiga"); de 4, 5, 7, 8, 10 e 11 ("O soldado espanhol", "I-Juca-Pirama"); finalmente todos os metros, de 3 a 11 na "Tempestade" dos Últimos Cantos.

A variação de metro e de estrofe obedece sempre a uma necessidade de expressão, e é curioso notar que é bem o movimento belicoso ou sentimento de orgulho, indignação, revolta, surge frequentemente o ritmo temático do anapesto, não só nos encaixamentos a hendecassílabos, de que é o elemento característico, mas ainda em outros metros de pausas metrônimos constantes, como o decassílabo e a redondilha maior. Assim em "Baudades":

Habituadas tortas arrebatadoras,  
Frida a verde riva, a branca alba,  
Pois tanto casar, tanto gozar  
As mudas negras das novas palmas...

Ou em "Solidão":

Pulmones que nem impulso  
Morder de caras que nascem,  
Bela amarela mangueira,  
Qui se reveste em fomes...

O anapesto é a célula rítmica de toda a poesia gonalvinha de inspiração indianista. Aparece no "Canto do guerreiro":

Anda no horizonte  
Das várzeas baixas,  
Povoados de breves  
Bela gente amarela...

No "Canto do piaga":

O piagueiro da lata negra,  
O piagueiro da lata negra...

No "Depressão":

Tudo, é Deus grande amaldiço a tua vida...

No "Gigante de pedra":

Quando saímos de tua casa...

No "I-Juca-Pirama":

No meio das flores de amêndoas negras...

Meu mundo da mara,

Observar, ver:

Tu observa os passos da mara

No "Canção de tambo":

Meu amor, meu amor,

Meu amor que a vida

E' meu tambor;

Viver é bater.

No "Mae dágua":

As saudade fazem de novo a saudade...

E ali, aqui e ali, nos suavíssimos decassílabos brancos do "Leito de folhas verdes":

Salas velhas, sala branca,  
Onde quer que a vida, ou de dia ou de noite,  
Vai seguindo cada dia mais lentamente;

Outra vez nova, sala branca,

Outra vez que a vida, ou de dia ou de noite,

Tinha vozes de amêndoas, sala branca,

Com a constante rítmica de Gonçalves Dias.

Romain Rolland assimilou a energia e a insistência dos ritmos de marcha e de combate na obra de Beethoven: a mesma observação se pode fazer na de Gonçalves Dias. A sua maciça tempra de lutador, tão impressionantemente óbvia no diário de viagem a bordo do "Grand Condé", afirma-se também com puraça no ritmo verdadeiramente marcial dos seus anapestos.

Tinha Gonçalves Dias finissimo ouvido. Atenta-o a harmonia das suas combinações polimétricas, as mudanças de estrofeado e ritmo. Exemplo disso vamos deparar, entre outros poemas, em "Minha vida e meus amores". Vinha a poesia verselando em decassílabos accentuados na sexta sílaba ou na quarta e quinta:

Outra vez que a vida, que a vida, que a vida  
Tinha voz que a vida: — Sóis amantes  
Indo para a mata, matando, matando,  
Menti docil, menti e dei docil,  
Prado — talvez — e lá não pode ser...

De subito faz cair as pausas na quarta e na sétima sílaba, aproximando o ritmo do decassílabo do ritmo de hendecassílabo, que vai aparecer em seguida:

Bela mata e lha chama de montanha,  
Meu lar, tua pura e bela...

Amar-te — Eu sou tu!

Meus olhos encerram, encerram devita,

Minha alma em chamas, de fogo encerrada,

Já farta de vida,

Que amor não deixa.

O último verso compõe com a palavra "vida" do anterior uma redondilha, formando natural passagem para o calmo ritmo das três quadras finais do poema:

Meu grado meu ér a vida  
Meu grado meu que ando 4...

Nos 67 poemas em que o poeta adotou um metro exclusivo, recorre ao decassílabo em 30 ("Recordação", "Tristezas", "Amor, delírio — engano", "Prodígio", "A crua", "Ao dr. João Duarte Lisboa Serra", "O ouro", "A tarde", "O tempo", "Te Deum", "Adeus aos meus amigos do Maranhão", "A flor do amor", "A uma portista", "Dizes Ira", "Sempre elas", "O amor", "A sua voz", "Se se morre de amor", "Leito de folhas verdes", "Lira quebrada", "Urge o tempo", "Sobre o título de um roentino", "As flores", "O anjo da harmonia", "A história", "Sei amar", "O assassino", "O Anel", "O meu sepulcro", "Saudeadas"); à redondilha maior, em 24 ("Canção do exílio", "Epípedo", "A morte", "O deserto de um pobre velho", "A um menino", "O pirata", "Consoladora nas lágrimas", "Ainda uma vez — adeus!", "Rola", "Os suspiros", "Solidão", "Canção"), os cinco poemas das Sestinas de Frei Antônio, "A mangueira", "Menina e moça", "As duas coroas", "Pior de beleza", "A concha e a Virgem", "Por um só", "Belos"; no encaixamento, em 4 ("Canto do piaga", "Tabira", "Amanhã", "Desesperança"); ao hendecassílabo, em 3 ("Depreciação", "Se no fosse querido", "Que me pedes"); ao hexassílabo, em 3 ("Amar", "Harpejos", "O fadão"); à redondilha menor, em 2 ("Canto do guerreiro", "Canto do tambo"); finalmente ao quadrassílabo em "Pedido". Vê-se que revelou marcada preferência pelo decassílabo e pela redondilha maior, alias os metros dominantes na poesia de língua portuguesa desde o tempo dos cancioneiros.

Examinemos agora a estrutura do seu decassílabo, porque neste metro é que vamos encontrar mais frequentemente certos casos de exceção, certas quebras dos canões, que precisam ser explicados, para que não se cause no engano do organizador da edição Garnier, que se meteu a corrigir os versos do poeta, atribuindo provavelmente a erros tipográficos os que estavam fora da medida e podiam ser facilmente reparados dentro dela. Engano em que caiu também Alberto de

# DIAS --

## (ESTUDO LIDO NA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS, EM 21 DE DEZEMBRO DE 1943)

-- Manuel Bandeira

davem que é marco de seu exemplo dos *Timbiras*, não pertencente à biblioteca desta CASA, apesar de muitas vezes com as palavras "Excede", "Excede-se", "é para meus fracos", e nos poucos os que se inscrevem no círculo paulista, escrúpulo de que essa escola tem o seu mérito, e os românticos o tiveram.

Não reparou o organizador da escola, GARRA, que o poeta continua muito coisa no próprio gênero? De *Brasilicus*, quase todas as rimadas porém no sentido de apurar a linhagem ou melhorar a expressão. Evidentemente supera-se que ele havia passado mudando-as quebras de medida, a de que no poema "Quando mis heras" sucedia o verso "De unidas na mandado viver dos justos" por "Viver unidos na mandada dos justos", e percebe-se que o fez só para dar-lhe o mesmo sabor dos demais decassilabos do poema. Gonçalves Dias percebia muito bem que alterava a medida, fazendo conscientemente, porque queria "o pensamento dominando em todo o verso, mas que seja respeitada a metrificação", como ele próprio dizia, porque "o senso natural das verdadeiras poetas vale mais que o de todas as regas, segun da Veneranda, sejam da Gramática", para falar como o poeta Souza da Silveira. Podem-se aplicar ao poeta brasileiro as palavras que outro grande romântico americano, o argentino Esquivel, escreveu a propósito de Coleridge: "Hasta las faltas de medida, en la versificación parecen calificadas, y sus versos son como una música en la cual las faltas de la composición se han violado, pero para labrar con más eficacia al canto, al sentido y a la fantasía". Anfim, um poeta ou classe de autor de "I-Juca-Pimenta", lembremos eminentemente o preceito de Montaigne em matéria de poesia: "A certa mesura base, on la peut juger par les percepties et par l'art; mais la bonne, la supreme, la divine, est au-dessus des rôles et de la ratió".

Poucos são os decassilabos de Gonçalves Dias sem as habituais acentuações na sexta sílaba ou na quarta e quinta. Em "A morte prematura da Ilma. via d..." ocorre um com acentuação na terceira: "Campos campai" que de terror me incude"; o ritmo que vamos encontrar ainda em "Sauidades": "Os sucessos da minha vida errante". Em "A um poeta exilado" dois versos aparecem acentuados na quinta sílaba: "Desinfro me olharam, e um mês encalhou"; "A vagar com lira — um bem que os homens"; em "Minha vida e meus amores", dois com acentuação na quarta e na sexta sílabas: "Ela tão melosa e tão cheia de encantos. Ela tão nova, tão pura e tão bela..."

Mais frequentes que essas caudas de acentuação são os quebra de medida pela introdução de vozes de nove e onze sílabas entre os decassilabos. Quanto aos de nove sílabas, tem todos acentuação na terceira e sexta sílaba, como praticava sempre o poeta, mas na primeira e quinta, ou que resulta um ritmo sensivelmente igual ao dos decassilabos acentuados na segunda e sexta sílabas. Os exemplos são numerosos:

*Timbiras* (1943), a terceira e quinta ("Presto-me...").  
"Deste amor que é meu, amarrei" ("Sauidades").  
"Dito, que é certo que não é certo" ("A morte...").  
"Ora, cada vez que se sente" ("Sauidade").

Neste caso é possível ter batido ligeiro do poesístico "seu" antes de "cabelos".

*Timbiras*, que devo, para esse verso ("A morte...").  
"Dito, que é certo que não é certo" ("A morte...").  
"Muito que se apaga, que se apaga" ("A morte...").  
"Perto, que é certo que não é certo" ("A morte...").  
"Ora, cada vez que se sente" ("Sauidade").

No *Timbiras* recolhi os seguintes exemplos:

*Matinhas de dia*, sesta da noite (Canto 23, 42).  
"Timbiras", a terceira sílaba (p. 6, C. III, 125).  
"Tudo que é certo que não é certo" (C. IV, 265).  
"Muito por dentro ou não valendo" (C. IV, 306).

A explicação da irregularidade apresentada acima não cabe no verso de "Anália":

"Onde mora a morte, morte e morte"

Se se lhe fizerem todas as sílabas, fará um octossilabo. Se não se lhe fizer nemória, em um decassilabo, com acentuação na quinta e sexta sílaba. Finalmente, se elidirmos apenas a conjunção "e" no vocal anterior, resultará um eneassilabo. Terão que assim o faça o poeta, com intenção expressiva. Desse modo, que leva nos braços a hemi-metria, a qual lhe será dada por espessa pelo pal delas, se conseguir chegar ao círculo sem encostar numa só vez. Em certo ponto, arquejaria o ranzaz que se venceu. Fará que nesse passo difícil a morte queira dar-lhe um beijo para reanimá-lo. E ele:

"— Ora, amor, que se sente...  
Ela mora a morte, morte e morte.  
Timbiras, que é certo que não é certo.  
Quando moro eu — é que se sente, sente  
O sinto, a morte — é que se sente, sente  
Ora, amor, que se sente...  
Que sentem...  
Ela mora a morte, morte e morte.  
E morre comigo, que se sente...  
Ora, amor, que se sente...  
Que mora a morte, morte e morte."

É provável que tenha havido ligeiro do artifício "mora" antes de "morta", e o verso seria "Que mora se sente, mas se empina e cresce", mas o poeta, que é da primeira edição dos *Últimos Cantos*, lido foi incluído na edição de Leipzig. Inclui-me acreditar que houve a intenção de exprimir no eneassilabo de trinta entrecortado o ofugar do herói no afa de escafada.

Por este enunciado talvez se deva explicar também o verso "Colher, e a missão mais alta" ("Timbiras", C. III, 127). Fala o poeta dos guerreiros que saiam do sono noturno antes os preparativos, segundo o teor das bordas que haviam tido:

*Timbiras*, sesta da noite, na quinta,  
Tudo que é certo que não é certo.  
Ela mora a morte, morte e morte.  
Timbiras, que é certo que não é certo.  
Ora, amor, que se sente...

Com o o poeta, fazendo o enunciado, despresou o ritmo do decassilabo, guardando apenas a cadência de setima e elemento hexassílabo ("era milho mais alto"), ou certe assim musicalmente o acordo das várias sonatas desgarradas.

Examinemos agora estas três versos de "O que mais doi na vida":

*Timbiras*, a terceira sílaba da quinta,  
Que é certo que não é certo.  
Que mora a morte, morte e morte.

Tecni elas o acento na primeira e na quinta, como os que já assinalamos atrás. Todavia cabem aqui outras evidências. Souza da Silveira, comentando o verso de Carmo de Abreu "Vem! a noite é linda, o mar é calmo", admite o fato, não raro, de se escrever uma só vez um monossílabo que deve repetir-se. O verso seria "Vem! vem! a noite é linda, o mar é calmo", e de mesmo modo entende se devem ler os versos de Gonçalves Dias. Mais também é possível que o poeta, pronunciando com forte ênfase o advérbio "não", o desdobrasse em duas sílabas: "Nâ-o! o que mais doi na vida".

No verso "Nâo são as queixas amargadas" e neste outro de "Minha vida e meus amores": "Nâo, nunca o senti; somente o vivo", ainda cabe uma terceira explicação — a do professor Said Ali no seu trabalho sobre "Versificação Portuguesa", publicado na *Revista de Cultura*, n.º 115: a de uma pausa intencional, prenchendo o lugar de uma sílaba e desfazendo a colisão desarranjada de duas sílabas acentuadas. A observação de Said Ali é feita a respeito de um hexassílabo do poema "Seus olhos": "As vezes, oh sim, derramam lá lá lá". "Nâo se pode imaginar", diz o eminentemente mestre, "maior apuro em compor versos tão formosos. É o propósito deliberado usaria o poeta a pausa em lugar de uma sílaba. Segundo Shakespeare e Milton, que freqüentemente se servem da pausa nas mesmas condições". A explicação de Said Ali é a única que se pode aplicar ao caso do verso com que abre o poema "O orgulhoso": "Eu o vi! tremendo era no gesto", que tem pausa intencional com valor de sílaba depois do "vi!".

Tão numerosos quanto os versos de nove sílabas são os de onze, que aparecem em Gonçalves Dias interrompendo a seqüência dos decassilabos. A maioria delas começam por vogal e entram na medida, embebendo-a na vogal que termina o verso anterior:

*Timbiras*, a terceira sílaba da quinta,  
O que é certo que não é certo.  
Que é certo que não é certo... ("Timbiras").

Que é certo que não é certo... ("Timbiras").

"Adens aos meus amigos do Maranhão". Note-se que o poeta poderia ter suprimido o segundo "Que", mas enfraquecendo o efeito expressivo.

*Timbiras*, a terceira sílaba da quinta,

"Que é certo que não é certo... ("Timbiras").

Porto se levantou, correu logo...

... e que é certo que não é certo... ("Timbiras").

Timbiras e fatal.

... e quando escreveu seu luto, sobre porta ("O vale")

Por brevidade, só assinalamos o processo nos decassilabos, mas Gonçalves Dias e os seus companheiros românticos serviram-se dele com frequência, sobretudo na estrofe rosariana, de que trataramos adiante. Era assim tradicional na poesia trovadoresca portuguesa e na castelhana. Assim, Rodrigu Eanes Redondo termina uma cantiga dizendo:

*Timbiras*, a terceira sílaba da quinta,  
Ela é que se sente, sente, sente.

Nicolas Nufes em "Canción a nuestra señora":

*Timbiras*, a terceira sílaba da quinta,

Frey Gaubert, em "Reazonamiento":

*Timbiras*, a terceira sílaba da quinta,

Jorge Manrique, nas famosas copias à morte do pad:

*Timbiras*, a terceira sílaba da quinta,  
Ela é que se sente, sente, sente.

Outros versos há em Gonçalves Dias, como este de "Queridas na minha vida": "Infante e velho — princi-

cípio e fim da vida", incluindo uma sequência de decassilabos, ou este outro de "O clima": "Torze dez zelos o sol mancha minha alma", começando por enunciado que não se reduz em medida pelo mesmo artifício. Como se explicar? Souza da Silveira faz, a propósito de um verso dessa natureza em *Casmisa*, de Abreu a seguinte hipótese: Gonçalves Dias, multado nas literaturas românticas, sem dúvida conheceu o verso heróico das canções de gesta. ora, este se compunha de um verso de quatro sílabas que podia ter no final mais uma. Atenta-se um de seus que podia receber acréscimo idêntico. Quando o primeiro elemento do decassilabo medieval francês termina em vogal aguda, o verso aproxima-se de novo significa-lhe ruído. Souza da Silveira, querendo saber se o verso concele, colocou-o num verso que se submetesse a esse efeito, para isso, um decassilabo usual português: "Infante e velho — princípio e fim da vida". E conseguiu o seu intento, pois a diferença de tanta, bem sensível ao nosso ouvido, chama logo a atenção para o verso. E observa a seguir Souza da Silveira que D'Annunzio e Pascoli, indo além de Gonçalves Dias, transplanaram para o italiano o velho verso francês, mesmo em composições longas.

D'Annunzio, empregando tal metro e ritmo nas *Cannane di Garibaldi*:

*Timbiras*, a terceira sílaba da quinta,  
E Timbiras encantada e amarada.  
Pel suor, que é o seu suor, a suada.  
E morta, que é morta.

Justifica-se com estas considerações: "O período é regolato dalla legge di un largo e robusto respiro. Talora il numero è soverchianto dall'impero dell'onda vocale. Il poeta ha preferito al consueto endenunciando il verso eroico dell'antica canzone di gesta. Formatosi su lo stampo del rozzo verso latino cantato epilo pietre e dei lettorari romani". Segue-se a análise do verso heróico francês, mas o citado basta, e a imitação de Souza da Silveira não parece legítima; em todos os versos de igual tipo do nosso poeta sente-se que o número é, por uma intenção expressiva, "soverchianto dall'impero dell'onda vocale". Assim se devem compreender os versos "Ouví depois um rodar que a vida instantânea" ("A Mendinga"); "Hirtos cabos, e em po funérrios envolta" ("A morte é vária"). Não queremos acrescentar exemplos da tradução da *Noiva de Messina*, por não termos a versão definitiva da obra. Toda a vida o verso "Gli potestades de céu este é meu filho" merece atenção; não escaparia ao poeta esse seu a interície: fúria o verso dentro da misericórdia e rison habitual: "Potestades do céu, este é meu filho". Mas que outra forma não tem com ela! "O potestares de céu, este é meu filho!" Aqui há verdadeiramente "impero de onda vocal".

Desse tipo é o verso de Teófilo Braga "Cálido anseio, delírios, ais, blandícias", a propósito de sua reverência a meu confrade João Luso em conferência, aliás encantadora, pronunciada nesta casa: "Para me furiar ao desprezo dos poemas presentes — devo que ainda fazem verdadeiros versos — devo declarar que não posso desprezê-los, entre esses desarranjados, um que positivamente não é decassilabo, ou em conta que, pertanto a arte, se possa qualificar: "Cálido anseio, delírios, ais, blandícias". Pela medida, ou, antes, pelo desmedimento: pela sonoridade, ou, melhor, pela dissonância, é um verso monstruoso. Mas sera realmente um verso de Teófilo Braga: levado no inicio da onda vocal e querendo exprimir mais vivamente o anseio dos sentimentos na alma do moço Afonso, assumiu a sequência das decassilabas regulares o verso heróico das canções de gesta. Assim se pode e se deve qualificar pertanto a arte, o verso "Cálido anseio, delírios, ais, blandícias". E assim procedeu D'Annunzio que ainda fazia o que João Luso entende por verdadeiros versos, em relação ao seu tipo, magníficos e não monstruosos, das *Cannane di Garibaldi*.

Não queremos ainda assim assinalar o domínio magistral de Gonçalves Dias sobre os decassilabos brancos, com: é de vez que *Timbiras*, e em 42 poemas dos *Cantos* ("Delírio", "O vale", "A morte prematura...", "O mar", "Recordação", "Tristeza", "Prodigo", "A erus", "Ao de João Duarte Lisboa Serra", "O olho", "A tarde", "O tempo", "Te Deum", "Adeus aos meus amigos do Maranhão", "Passamento", "A um poeta exilado", "Quando nas horas", "Palhinha", "As duas amigas", "A virgem", "Canto inaustrado", "A noite", "A tempestade" dos *Cantos*, "O homem forte", "O protesto", "Desalento", "Dilema", "Semente gira", "O amor", "A sua voz", "Leito de folhas verdes", "Luz quebrada", "Urso o tempo", "Sobre o tumulto de um menino", "As flores", "A história", "O assassino", "Anel", "O meu sepulcro", "Morro do Acrem", "Saundades", "Se se morre de amor"). Especialmente na introdução e em certas passagens descriptivas dos *Timbiras*, em "A sua voz", "Leito de folhas verdes" e "Se se morre de amor" atingiu uma flexibilidade, um jogo de cadências, uma harmonia de força e leveza jamais ultrapassada em nossa língua, quer antes, por um Garrick na famosa invocação do poema *Canções*, quer depois, por um Fagundes Vereda no sobrebo *Cântico do Calvário*. Como o conceito de Baudelaire, a saber que "la rime est l'unique harmonie des vers et elle est tout le vers", está deslumbrado luminosamente nestes versos harmoniosíssimos!



# PAGINA DOS AUTORES NOVOS -- VII -- Ligia Fagundes

## LIGIA FAGUNDES

Ligia Fagundes nasceu em São Paulo, capital do vinhedo Estado, é filha do dr. Durval Fagundes e de D. Maria da Rosa Azevedo Fagundes.

Passou a infância no interior paulista, nas cidades em que seu pai servia como magistrado.

Em 1940 formou-se na Escola Superior de Educação Física de São Paulo, sendo que em 1939 se havia matriculado na Faculdade de Direito do mesmo Estado. Cursa hoje o 4º ano daquela instituição jurídica.

E' funcionária da Publicidade Agrícola de São Paulo, e faz parte da Academia da Faculdade onde estuda.

Ligia Fagundes publicou o seu primeiro livro, era uma coletânea de contos, intitulada "Porão e Sobreiro", quando ainda cursava o 4º ano ginásio.

Aqui agora de oferecer aos leitores uma nova coleção de contos — "Praia Vida" — e é o seu livro que pertence o fôrmação trabalho que aqui publicamos.



Ligia Fagundes

## DELÍRIO

Margarida despertou com os vozes acordos que enlouavam a noite.

Christo reina...

A Irmã acorreu apressada à enfermaria cariúca as juntas para que as doentes ouvíssem o hino.

Uma procissão.

E' recordaria à Janeira, devendo o rosário preto, repetiu como um em portavoz que vinham, instruções com um lento arrastar de passos.

Christo reina!

Margarida cerrou os olhos doloridos. Fuxion o coberto abr. o queixo. Que tarde fria! Deverto as veias não resistiam aquele sopro. Quando ventava assim, lembrava-se bem! — era difícil manter a chama acesa durante todo o trajeto. Bô enrolando um papel em redor do pavio, se chovesse, então...

Ao pensar na caixa, sentiu mais violência a sede. Passou a língua pelos lábios ressecados. Podia pedir água, mas aguera era inútil. Sim, a Irmã era solidária, dedicada, mas, quando se entregava a Deus, tudo o mais desaparecia. E, no momento, lá estava de novo susente, o olhar fixo nas imagens que caminhavam na rua, a alma ligada à terra apenas pelo longo fio de contas pretas que descia até o chão. Quando os fios se fossem, ela haveria de trazer água, aljubar-lhe as cobertas, pedir que tivesse fôr.

Os medievos e as enfermeiras asseguravam que aquilo não era efeito da operação.

Tinha paciência, aconselhavam sempre. E' tão moça ainda, vinte e quatro anos, não? Pôs então! Tudo há-de correr bem!

Mas a Irmã, que não sabia mentir, silenciava. Sô quando era mesmo forçada a falar, diante de uma pérquita mais insistente, dizia que esse mundo era chão de dores, que esperasse por uma vida melhor. E saía com os olhos serenos, os transparentes promessas de céu.

Voltando o rosto para a pare-

de, Margarida respirou profumamente para controlar as náuseas. Um calor intenso invadia-a, como se tivesse sangue impulsionado e ascendente, tivesse sobretudo o outro que parecia não alimentar nenhuma pele fria, os dedos desacreditados. Sentia-se alívio, mas, dentro, louco de afilar loujo, se cobrava, arrancava os alívios, fugia daquele salmão esverdeado, aquelas muiões esverdeadas que só sabiam olhar e gritar. Sumiu dentro da noite, atuar a cabeceira num poco gelado e beber bebê molhando o rosto, os braços, o ventre. Depois, vestir o vestido azul da Virgem, arreender a veia e sair correndo para alcançar a procissão, cantando alto bem alto, mas ríe de que todos...

Nunca este angustiado, cubrindo com as mãos o rosto ardente. Estaria delirando? Tinham-lhe colorado uma boia de gelo sob a cabeça, mas decreto o gelo se derreteu, virara água, água esfaldante. Se pudesse dominar a aquela febre não sentir dor, sem sede... Por que aquela ideia de seguir a procissão que passava agora na ruá? E' verdade que quando menina, saiu uma tarde vestida de Nossa Senhora. Linda vestido aquele! Estrelinhas de prata espalhadas no manto azul, uma coroa na cabeça, rabeles soltos pelos ombros, sandálias pretas nos pés.

Sentiu-se melhor ao lembrar isso. Em todos os momentos de aflição, desespero, as lembranças da meninice eram sempre repousantes como azuladas bainheiras de água murta onde o seu espírito dolorido e exausto mergulhava, numa serena imobilidade, até o sono vir. Fôrnuma sexta-feira. Bem na frente da procissão, entre anjos, ela saiu seguindo de perto um menino de cachos pretos, manto roxo, uma pequenina cruz nos ombros. Disseram ao menino: "Você tem que andar agradecendo ao vento e ao sol fabelos desalmados e rudes. Falava muito sério, a gestuar desordenadamente, as grandes mãos morenas. Alegre poucas vezes, quase sempre triste.

Bem que ela preferia dançar de verdade que vem vindos de

E' verdade que também praticava elândos violentos. De ordinário, porém, mostrava o gosto do hiato. O hiato é, na técnica de verso, o hábito fonético que mais extrema os nossos românticos dos mestres distorciam. Estes só o admitem no interior das paráfrases, jamais de uma a outra em caso de vogais frágeis, mesmo quando o ponto ou a vírgula introduzem uma pausa natural. Por isso Alberto de Oliveira assinalou como "errados ou pelo menos fracos" no seu exemplar dos Timbres versos destes tipos:

Tai vinda, a she par me e sada Timbra.  
De batalha! ou viva se não venho

Nesse ponto a sistematização parnasiana brasileira foi empobrecedora. E sem risco, porque hiatos ha-

de extraordinária força expressiva. Baste lembrar o de Antero (Antero e Camões estão cheios deles) no soneto "Consulta":

Mas que periflaram-se — mudou  
E empalideceram, envolvidas

Quem não sentirá o movimento de angustiado sobressalto no hiato "E empalideceram?"

Ao contrário dos parnasianos brasileiros, os seus mestres franceses lamentavam a esse respeito as restrições malerbianas. "Que nous ayons perdu un trésor de nuances délicates à la suppression de l'hiatus", escrevia Banville, "cela n'est pas à démontrer; il suffit pour s'en convaincre d'ouvrir les poèmes du XVe et du XVIe siècle". E Anatole France, a propósito de

Mores: "Il est pitoyable, quand on y songe, que les poètes français se soient interdit pendant deux cents ans de mettre dans leurs vers tu as ou tu es. Qui ne sent au contraire que certains hiatus paisent à l'oreille?"

O estudo da poética de Gonçalves Dias prova que a regulamentação da poesia, se é cosa útil para ajudar os poetas mediocres a fazerem versos passáveis, é senão é ainda de Banville, ainda vale para quem, como o nosso grande romântico, não precisa de regras de ninguém para criar o seu ritmo e a sua música.

**NOTA** — Este trabalho vai hoje reproduzido por ter saído com várias incorreções, no "Suplemento" passado.

